

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA
CARINA INÊS SCHMIDT

MINISTÉRIO DA VISITAÇÃO COMUNITÁRIA: DESAFIOS E ESTÍMULOS

São Leopoldo

2019

CARINA INÊS SCHMIDT

MINISTÉRIO DA VISITAÇÃO COMUNITÁRIA: DESAFIOS E ESTÍMULOS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia e
Sociedade
Linha de Atuação: Dimensões do Cuidado
e Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S347m Schmidt, Carina Inês
Ministério da visitação comunitária: desafios e estímulos
/ Carina Inês Schmidt ; orientador Nilton Eliseu Herbes. –
São Leopoldo : EST/PPG, 2019.
78 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2019.

1. Cuidados – Aspectos morais e éticos. 2. Ministério da
Visitação. 3. Edificação. 4. Espiritualidade. 5. Resiliência
(Traço da personalidade). I. Herbes, Nilton Eliseu,
orientador. II. Título.

CARINA INÊS SCHMIDT

MINISTÉRIO DA VISITAÇÃO COMUNITÁRIA: DESAFIOS E ESTÍMULOS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia e
Sociedade
Linha de Atuação: Dimensões do Cuidado
e Práticas Sociais

Data de aprovação: 19 de julho de 2019

Prof. Nilton Eliseu Herbes – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Prof. Júlio César Adam – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Prof. Thomas Heimann – Doutor em Teologia – ULBRA

AGRADECIMENTOS

À Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Sertão Santana que me acolheu no ano de 2014 e apostou no meu trabalho, no ministério da visitação e na caminhada conjunta de diálogo e planejamento, pela oportunidade de realizar o mestrado profissional e pela compreensão da minha ausência nos meses de janeiro e julho de dois anos consecutivos.

Agradeço a minha mãe Rosangela Beatriz Schmidt e ao meu irmão Maiquel Augusto Schmidt pelo incentivo em buscar recursos para a realização do mestrado.

Agradeço a FLM (Federação Luterana Mundial) e a IECLB pela bolsa de estudos.

Por fim, ao orientador Nilton Eliseu Herbes pela parceria, orientação e estímulo.

RESUMO

Com o crescimento cada vez maior de pessoas que deixam as suas comunidades em busca de novas propostas, a igreja carece de questionamentos. Isso implica em apontar a carência que as comunidades encontram no ministério da visitação. Neste sentido, questiona-se por que visitar, bem como o que é um ministério da visitação e quais são os desafios deste ministério. A partir dos questionamentos, encontramos os estímulos para tal ocupação, as atribuições e responsabilidades do ministério da visitação na comunidade de fé que almeja ser uma comunidade terapêutica a partir deste ministério. O presente trabalho está estruturado em três capítulos, quais sejam, um dedicado aos desafios encontrados no que tange o ministério da visitação, outro, aos estímulos e o que induz a comunidade de fé engajar-se na visitação comunitária, e um último que propõe a reflexão a respeito da responsabilidade a partir da fé e os possíveis resultados encontrados com base na visitação.

Palavras-chave: Ministério de Visitação. Cuidado. Edificação. Espiritualidade. Resiliência.

ABSTRACT

With the increasing number of people leaving their communities in search of new proposals, the church needs questioning. This implies pointing out the deficiency that communities feel in the ministry of visitation. In this sense, one wonders why visit, as well as what is a ministry of visitation and what are the challenges of this ministry. From the questions, we find the stimuli for such occupation, the attributions and responsibilities of the ministry of visitation in the community of faith that aims to be a therapeutic community based on this ministry. The present work is structured in three chapters, one dedicated to the challenges encountered with regard to the ministry of visitation, the other to stimuli and what induces the faith community to engage in community visitation, and the last one that proposes reflection on the responsibility based on faith and the possible results found based on visitation.

Keywords: Ministry of visitation. Care. Edification. Spirituality. Resilience.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DEUS VISITOU O SEU POVO (LUCAS 1.68)	9
2.1	Indícios sobre o ministério da visitação	9
2.2	Importância da visitação no contexto de comunidade	12
2.3	Desafios da visitação na contemporaneidade	14
2.3.1	<i>Inconstância espiritual</i>	15
2.3.2	<i>Secularização</i>	16
2.3.3	<i>Mercado religioso e a mercantilização da fé no Brasil</i>	18
2.3.4	<i>Mundo virtual a mídia e o desapego ao contato físico</i>	22
3	LEVAI AS CARGAS UNS DOS OUTROS, E ASSIM CUMPRIREIS A LEI DE CRISTO (GÁLATAS 6.2)	25
3.1	Visitação: cuidado e espiritualidade	26
3.2	Dimensões do cuidado espiritual a partir da visitação	32
3.2.1	<i>Acompanhando enfermidades e pessoas em fase terminal de vida</i>	34
3.2.2	<i>Acompanhando pessoas enlutadas</i>	37
3.2.3	<i>Visitação e acompanhamento a pessoas idosas</i>	39
3.2.4	<i>Em busca dos membros afastados através a visitação</i>	42
3.3	Visita e acompanhamento espiritual permanente enquanto caminho para a resiliência	44
4	NOVAMENTE JESUS DISSE: PAZ SEJA COM VOCÊS! ASSIM COMO O PAI ME ENVIU, EU OS ENVIO (JOÃO 20.21)	49
4.1	Visitação como exercício do Sacerdócio Geral de todas as pessoas que creem	49
4.2	A conciliação do ministério da visitação com a diaconia e a reciprocidade bíblica	54
5	CONCLUSÃO	61
	REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo de constantes mudanças, onde o ser humano é colocado à prova incessantemente. Encontramo-nos diante de grandes transformações, nas quais os seres humanos deparam-se diante de adaptações às condições da era globalizada. Diante disto, a cada dia, cresce o número de pessoas que deixam as suas igrejas e comunidades cristãs em busca de novas propostas.

No primeiro capítulo, abordaremos alguns conceitos, entendimentos e fundamentações sobre o que é a visitação. A partir desta definição, a pesquisa será voltada para a importância da visitação em contexto de comunidade, especificamente na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), ou seja, por que visitar? Esta tem sido uma temática muito relevante na IECLB, pois ela diz respeito às necessidades mais básicas da comunidade, ou seja, cuidado integral dos membros. Seguidamente abordaremos os grandes desafios da era globalizada da visitação comunitária na contemporaneidade, considerando o mundo externo e suas complexidades como o capitalismo, individualismo e a falta de tempo. Para finalizar, será abordado a multiplicidade do mercado religioso e o que isso traz consigo, como por exemplo a migração de membros ou o seu desligamento e as influências da era digital e o desapego ao contato físico.

No segundo capítulo, busca-se tomar os estímulos do ministério da visitação, tendo como base a reflexão do cuidado e a espiritualidade, aspirando que um dos grandes problemas enfrentados atualmente é o descuido e a falta de cuidado com que se tratam dimensões muito importantes da vida. A capacidade de viver o cuidado se demonstra na vida do ser humano como algo substancial, isto torna o ministério da visitação a ligação perfeita entre o diálogo e o cuidado enquanto essência do ser humano a partir da espiritualidade. Com base nesta reflexão, a comunidade cristã vê sentido na existência do outro e torna isso fundamental para a sua própria vida. Desta forma a visitação se torna um viés do cuidado e da prática espiritual na comunidade de fé, pois entendemos que esta é uma das maneiras com que o próprio Deus se relaciona com o ser humano a partir do ser humano.

Esta reflexão impulsiona a comunidade de fé a estar presente na vida das pessoas que vivem os seus momentos limítrofes de suas vidas, ou seja, aquelas que passam por enfermidades ou que estão em fase terminal de suas vidas, deitadas em um leito de morte, ou ainda, aqueles e aquelas que se encontram no lado oposto do

leito de morte, pessoas que necessitam despedir-se de seus familiares e amigos, passando pelo doloroso processo do luto. Viver a partir do cuidado, impulsiona a comunidade de fé a estar ao lado das pessoas idosas e, desta forma, se solidarizar com os constantes problemas enfrentados por estas pessoas. Por fim, o segundo capítulo da presente pesquisa quer animar a comunidade de fé a buscar compreender o que significa ser uma comunidade do cuidado, quando nos deparamos com o grande problema e o expressivo número de pessoas que se afastam de suas comunidades. Conclui-se o segundo capítulo, refletindo se a visitação e o acompanhamento espiritual permanente em uma comunidade de fé poderão ser uma ponte para a resiliência, ou seja, será possível que a comunidade de fé possa auxiliar na superação de traumas?

Por fim, no terceiro capítulo, propõe-se um exercício de reflexão a partir da prática. O ponto de partida para tal reflexão é o sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, no qual compreende-se que o anúncio do evangelho se torna forte, se for apoiado com a prática de vida, pois o amor de Deus dá-se também a partir da laboração de seus crentes a partir dos dons recebidos. Tal reflexão nos conduz no que pulsa a conciliação do ministério da visitação com a diaconia e a reciprocidade bíblica. Se diaconia é serviço, então não se faz distinção entre ministério e diaconia. A base para tal reflexão é bíblica, por isso o ministério da visitação tem autoridade bíblica. Reciprocidade diz respeito à missão da igreja, pois pode ser um modelo do amor vivo de Deus.

Enquanto Igreja é necessário ocupar-se com questões fundamentais de uma comunidade, queremos ser uma igreja atrativa e principalmente relevante na vida das pessoas. A motivação da pesquisa vem a partir de experiência empírica, é necessário fundamentar as experiências e mostrar o quanto a visitação e o cuidado com a comunidade são indispensáveis no contexto de contemporaneidade que vivemos. É necessário assumir os desafios da atualidade e mostrar-se enquanto igreja que serve a partir da fé.

Registra-se que a presente dissertação é baseada nas mais recentes atualizações das normas técnicas para apresentação e formatação de trabalhos acadêmicos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

2 DEUS VISITOU O SEU POVO (LUCAS 1.68)

No evangelho de Lucas 1.68, encontramos a conhecida profecia de Zacarias: “Bendito, seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo.”¹ Deus não somente visitou o seu povo, mas também se preocupou com seu povo. Visitar é um ato de profundo amor, apoio e amparo ensinado pelo próprio Cristo a toda pessoa cristã. Cristo contagiou a todos e todas com a sua misericórdia e seu amor. Assim como fez o mestre, este é um ministério que está em busca do bem integral de cada pessoa.²

2.1 Indícios sobre o ministério da visitação

Para falarmos de ministério da visitação faz-se estritamente necessário definir o que entendemos por ministério em contexto luterano e alguns apontamentos sobre a etimologia do verbo visitar. Em documento, o Conselho Mundial de Igrejas afirma:

A palavra ministério, em sentido lato, refere-se ao serviço que todo o Povo de Deus é chamado a cumprir, quer por intermédio de pessoas, quer pela comunidade local, quer como Igreja universal; ministério ou ministérios podem também referir-se a formas institucionais particulares assumidas por esse serviço.³

A palavra ministério vem do latim, *ministerium* e significa “serviço”. Ela é a tradução de uma palavra grega, “diaconia” que aparece muitas vezes no Novo Testamento.⁴ Biblicamente a palavra ministério ou serviço nos apresenta variadas formas com que a comunidade possa servir. Somente mais tarde nasceu uma ordem ou estrutura hierárquica entre os ministérios. Por exemplo, Liz defende que no Novo Testamento o ministério e o serviço nasceram em Cristo: O fato é que o ministério, o serviço ao próximo nasceu em Cristo, foi confiado aos doze discípulos e a partir deles foram repartidos entre eles, segundo as necessidades da Igreja e da comunidade.⁵

¹ A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Almeida Ferreira ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

² SILVA, Patrícia. **Ministério da visitação**. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 9.

³ CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **Batismo, eucaristia, ministério**: convergência da fé. 3. ed. Brasília: Conic; Rio de Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 2002. p. 47-48.

⁴ LIZ, João Pedro. **Ministério da Visitação**: Elementos para uma prática de aconselhamento pastoral. 2002. Especialização em aconselhamento e psicologia pastoral. – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002. p. 33.

⁵ LIZ, 2002, p. 34.

É importante lembrar que ministério também é refletido enquanto pregação da Palavra de Deus, Deus é presente conosco a partir da palavra. Ele vem até nós quando Cristo é testemunhado a partir do Antigo e Novo Testamento. Este testemunho vem pela proclamação na igreja e quando cristãos e cristãs anunciam a Cristo a partir do ouvir a pregação do evangelho.

Na compreensão luterana, cabe ressaltar que ministério parte do princípio de que ela é refletida em Lutero, sobretudo no que diz respeito ao sacerdócio geral de todos e todas que creem; pelos escritos confessionais e também posicionamentos contemporâneos.⁶ Esta é uma variedade de fontes utilizada por Luís Dreher no Seminário Bilateral Misto Católico Romano-Evangélico Luterano. Dreher afirma que segundo a visão luterana, em primeiro lugar o ministério é único e singular, sem que ele seja de “um único”, ou de alguém em especial.⁷

A Igreja, a partir do Evangelho, é chamada a anunciar e viver verdadeiramente o corpo de Cristo. Cristo presenteou a humanidade com o Reino de Deus, Cristo ofereceu a salvação. Anunciou a boa nova aos pobres, cativos, cegos, ricos, oprimidos e, desta forma, abriu um novo acesso ao Pai. A cristandade, ao viver esta comunhão, é chamada a confessar a sua fé e expressar a sua esperança no Deus libertador, partilhando com todos e todas, alegrias, angústias, sofrimentos, procurando testemunhar um amor cheio de compaixão. O ministério deve ser vivido de uma forma intensa por todo o povo, como nos ressalta o Conselho Mundial de Igrejas:

O Espírito Santo concede à comunidade dons diversos e complementares. Eles são dados para o bem comum de todo o povo e manifestam-se em ações de serviço no seio da comunidade e a favor do mundo. Podem ser dons de comunicação do Evangelho em palavras e em atos, dons de cura, de oração, de ensino e de escuta; dons de serviço de direção e de obediência, de inspiração e de visão. Todos os membros são chamados a descobrir, com a ajuda da comunidade os dons que receberam e utilizá-los para a edificação da Igreja e a serviço do mundo ao qual a Igreja é enviada.⁸

Segundo os escritos confessionais do luteranismo, a igreja é a comunidade daqueles e daquelas que creem, há somente um ministério, o ministério do testemunhar o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo e este ministério é confiado a toda a comunidade, mediante o batismo e a fé. Toda a comunidade é chamada e

⁶ SEMINÁRIO BILATERAL MISTO CATÓLICO ROMANO-EVANGÉLICO LUTERANO. **Os Ministérios**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 39.

⁷ SEMINÁRIO BILATERAL MISTO CATÓLICO ROMANO-EVANGÉLICO LUTERANO, 2002, p. 40.

⁸ CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 2002, p. 47

vocacionada a assumir publicamente a proclamação do evangelho. Nossa fé, nossa vida diz: todos nós, como membros da Igreja de Cristo, somos sacerdócio real, representantes de Deus, encarregados, encarregadas por ele mesmo, para proclamar e viver a boa-nova da salvação em Cristo, no ambiente em que vivemos.⁹ Em suma, ministério é o viver na prática o evangelho pregado e experimentado através dos sacramentos de uma forma pública a partir da comunidade na qual se está inserido ou inserida. Cada qual, mediante o dom recebido pelo Espírito Santo, pode ser instrumento no mundo em que vivemos.

No terceiro capítulo desta pesquisa, trataremos do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem e ele abordará novamente a temática do ministério, porém sob um olhar mais específico: ministério da comunidade de fé, ou, ministério leigo. Quando se fala que ministério, segundo a concepção luterana, é único e singular, assumido e vivido pela comunidade de fé, conseqüentemente esse ministério também será assumido e vivenciado através da visitação. O verbo visitar provém do latim *visitare*, que além deste significado ainda compreende: ver com frequência, submeter alguém a provocações, castigar. *Visitare*, por sua vez, está ligado a *visi*, ver atentamente, procurar ver, examinar, contemplar, fazer visita.¹⁰

No português, visitar é: ir a algum lugar para estar com alguém, com determinado objetivo, com cortesia, sentimento de afeto, obrigação.¹¹ Visitar significa ter interesse em ver alguém, e quando isso acontece em âmbito de comunidade, visitar então nada mais é do que revelar a graça de Deus. Ir ao encontro de pessoas, é um meio de divulgação da Palavra de Deus, um serviço de escuta e proximidade, um partilhar verdades, alegrias, amor, esperanças e fé. Em definição sobre o que é visitação, Liz sugere que: O ministério pastoral é, por definição, uma tarefa de pastoreamento que não envolve apenas um encontro único com o rebanho, mas supervisão e alimentação contínuas.¹² A seguir, tentaremos reforçar a importância da visitação em contexto de comunidade.

⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Nossa fé, nossa vida**: guia da vida comunitária na IECLB. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 10.

¹⁰ VISITARE, VISI. In: FERREIRA, António G. **Dicionário de latim/português**. Porto: Porto Editora, 1988.

¹¹ VISITAR. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/visitar/>. Acesso em: 10 jan. 2018.

¹² LIZ, 2002, p. 36.

2.2 Importância da visitação no contexto de comunidade

Por que visitamos? Esta é uma pergunta inquietante em contexto de comunidade e, sem sombra de dúvidas, questionamentos pontuais e necessários para o desenvolvimento de um ministério da visitação em contexto luterano. A visitação é o grande marco na edificação de comunidades ativas e participativas. Não se faz uma comunidade ativa e participativa sem a dimensão do cuidado e da prática da visitação. Visitar é um reflexo de fortalecimento, apoio e a possibilidade de estar em constante comunhão na vida em comunidade. Quando refletimos a importância de sair de casa e ir ao encontro de pessoas, não somente estamos vivendo a nossa fé de uma forma concreta, mas trata-se de um despertar das nossas comunidades para ação missionária de toda pessoa batizada. Patrícia Silva ressalta:

É preciso fortalecer a fé. Todos os batizados são chamados a “recomeçar a partir de Cristo,” a reconhecer e seguir sua presença com a mesma realidade e novidade, com o mesmo poder de afeto, persuasão e esperança que teve seu encontro com os primeiros discípulos nas margens do rio Jordão há 2.000.¹³

Visitar, escutar, estar ao lado de pessoas é uma maneira de valorizar o ser humano e a situação que o mesmo vive. É através do encontro que serão possíveis sentimentos de proximidade e familiaridade, bem como comunhão, pois visitar possibilita resgatar da solidão, do afastamento e apatia uma pessoa que espera ser vista e lembrada. Todo ser humano necessita de calor humano e de vínculos. O ser humano necessita do comunitário, pois este lhe é um referencial no mundo. O grupo ou comunidade é de grande importância no desenvolvimento humano. Através da comunhão de crenças e valores com o grupo do qual faz parte, o ser humano orienta sua vida.¹⁴ A prática da visitação poderá ser uma possibilidade de resgatar da inércia uma pessoa cristã apática. O movimento de visitar também precisa ser constante e persistente, assim José Carlos Pereira vê um ministério da visitação:

A pastoral da visitação pretende ser algo permanente, contínuo, fazendo com que a Igreja, representada nos agentes de pastoral da paróquia, vá até as pessoas, e não apenas espere que as pessoas possam ir até ela. Quando a

¹³ SILVA, 2014, p.10.

¹⁴ HAACKE, Beatriz Regina. **Edificação de comunidade a partir da visitação**: A visitação como expressão de cuidado e fortalecimento do Corpo de Cristo. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011. p. 11.

Igreja vai até as pessoas, as pessoas, naturalmente, irão até a Igreja porque se sentirão lembradas, acolhidas e amadas. É uma doação recíproca.¹⁵

Fundamentada na Palavra de Deus, a visitação passa a ter uma dimensão missionária, pois poder ouvir ou falar sobre o amor de Deus em nossa vida poderá ser libertador. Levar a palavra de Deus através de leituras, diálogos e orações mostrará que aquela comunidade quer estar ao lado e com as pessoas ou famílias que serão visitadas. Através do ministério da visitação, será possível despertar a dimensão diaconal de uma comunidade, pois é ela que serve e dá provas concretas de que verdadeiramente é a comunidade que cuida da comunidade e assim está a serviço da vida plena no mundo. Ela não se fecha em si mesma, mas vai ao encontro do outro, principalmente dos afastados.¹⁶ Ministério da visitação é a dimensão mais clara de missão e da diaconia que precisam estar vivas em uma congregação:

A visita como dimensão do serviço: a pastoral da visitação é a dimensão do serviço da paróquia que está sendo colocada em prática. É a missão como serviço aos afastados que está sendo aprofundada com as visitas domiciliares. O agente da pastoral da visitação tem a missão de discernir os sinais do Espírito Santo na vida das pessoas visitadas e na sua história, como pedem os objetivos específicos da Missão Continental.¹⁷

Ir ao encontro das pessoas foi uma ordem do próprio Cristo. Jesus pediu aos seus discípulos que fossem visitar pessoas e anunciassem a palavra de Deus: “Depois disso designou o Senhor outros setenta, e os enviou adiante de si, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir.” *Lucas 1.10*¹⁸ Se uma comunidade quer ser fonte proclamadora do evangelho, esta deve ser uma dimensão a ser assumida não somente dentro dos templos e em portas fechadas, mas sim uma grande mina que brilha em todos os territórios, oportunizando a transformação de lugares e pessoas. É inadiável sair da conveniência e conforto, ou de pontos de concentração de interior de templos e ir, buscar, caminhar, encontrar e por que não procurar todos os necessitados, ou seja, jovens, afastados, homens, mulheres, crianças, idosos ou pessoas sem vínculo comunitário.

O ministério da visitação não é novidade, porém, se for assumido com comprometimento e ousadia será uma nascente de renovação comunitária para uma

¹⁵ PEREIRA, José Carlos. **Pastoral da visitação**: Paróquia em estado permanente de missão. São Paulo: Paulus, 2012. p. 8.

¹⁶ PEREIRA, 2012, p. 8.

¹⁷ PEREIRA, 2012, p. 17.

¹⁸ A BÍBLIA SAGRADA, 1997.

igreja que precisa estar em constante reforma e renovação. É uma dimensão que deve ser assumida por todos e todas. Ninguém poderá assumir tal missão sozinho ou sozinha, o ministério é o comprometimento de toda pessoa batizada e ali está o grande tesouro e o grande sentido de ser uma comunidade. Sair ao encontro e assumir este ministério é poder anunciar um Deus próximo, o mesmo Deus que se revelou na história, encarnado no Filho e morto na cruz e ressurreto pelo seu povo.

Há quem diga que o mundo moderno nos proporciona alternativas virtuais mais práticas e rápidas, ou ainda quem diga que o ministério da visitação possa ser algo ultrapassado e sem sentido, porém, viver o evangelho é conhecer e estar com o seu próximo:

Da mesma forma que Deus vem ao encontro de seu povo, vamos ao encontro dos nossos irmãos para confraternizarmos em momentos felizes, como nascimento, aniversário, casamento, formatura e para dar apoio nas circunstâncias críticas como falecimento de alguém, doença, acidente e outros momentos difíceis.¹⁹

Na atualidade, passamos por um momento de grande inconstância, ou seja, uma grande falta de um relacionamento real e amoroso com Deus, existe um aumento significativo das pessoas que se dizem sem religião. Prova disto são os relatos e pesquisas do último IBGE no Censo de 2010, números que citaremos posteriormente. Também a secularização está cada vez mais presente nas famílias luteranas em nosso país. Outro agravante é o grande mercado religioso que encontramos no Brasil. Passamos por um movimento de mercantilização da fé. Isso faz com que o ministério da visitação passe por grandes desafios na atualidade, por outro lado é necessário e urgente enfrentar estes desafios que nos são colocados à frente do ministério da visitação que quer se ocupar com o bem-estar integral das pessoas que creem. A seguir, trataremos dos maiores desafios da visitação na contemporaneidade.

2.3 Desafios da visitação na contemporaneidade

As grandes transformações do mundo moderno, mas também as mais variadas transformações na política, cultura, sociedade, economia afetam o ser humano e contribuem para mudanças na vida, inclusive na forma de viver a sua fé ou sua religiosidade. Sobre essa temática Jean Daniélou escreve:

¹⁹ SILVA, 2014, p. 17.

Vivemos em uma época que não somente a fé em Cristo mas a crença em Deus são contestadas em grande parte do mundo. Encontramo-nos, porém - e trata-se de uma situação complexa – diante de um mundo no qual o interesse pelas questões religiosas é sumamente vivo. A religião não está de maneira alguma condenada pela evolução da civilização, mas deve enfrentar um conjunto de transformações. É essencial tomarmos consciência disso. Com efeito, só na medida em que a fé religiosa se revelar capaz de travar o diálogo com o mundo de hoje, terá no mundo de amanhã o lugar que, nele, deverá ocupar.²⁰

A grande questão que está em pauta é saber se as comunidades cristãs saberão dialogar com os grandes desafios que nos são lançados pelo mundo moderno, pela fé moderna que tem se pautado cada vez mais na razão e na ciência. Com efeito, o grande drama que vivemos é exatamente o enfraquecimento das comunidades cristãs, o ministério da visitação passará por grandes provações que deverão ser trabalhadas e reconsideradas constantemente.

2.3.1 *Inconstância espiritual*

Na língua portuguesa, a palavra inconstância significa: qualidade ou característica de inconstante; falta de constância, falta de firmeza ou de perseverança, falta de assiduidade ou de frequência, falta de fidelidade ou de lealdade; infidelidade, leviandade, facilidade em mudar de atitude, decisão, ideia; instabilidade, volubilidade.²¹ É notório nas comunidades e paróquias luteranas a grande problemática da inconstância na vida de fé de seu quadro de membros. Este é um fenômeno cada vez mais perceptível. Contamos cada vez mais com pessoas que não querem dividir ou partilhar a sua vida com outras pessoas, optando em viver sozinhas, sem a comunhão de uma comunidade, tornando-se ausentes na vida de fé. Assim, a comunidade tem se tornado um local de passagem e não mais um local de convívio, fortalecimento, amor e aconchego.

Na grande maioria, a procura pela comunidade tem se reduzido aos sacramentos (Batismo e Santa Ceia) ou ainda para usufruir de ofícios casuais, tais como: casamento, batismo, confirmação e sepultamentos. Além disso, muitos abandonam sua comunidade, sendo que os motivos são variados, porém, na maioria das vezes esse movimento ocorre devido à decepção com ministros/as ou com outros

²⁰ DANIÉLOU, Jèan. **Haverá religião amanhã?** São Paulo: Paulinas, 1971. p. 7.

²¹ INCONSTÂNCIA. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inconstancia/>. Acesso em: 19 jan. 2018.

membros. Sabemos que a decepção é intrínseca à vida, entretanto, a reação da maioria em relação a igreja é de abandono ou afastamento. Na atualidade, não é singular afirmar que existe uma grande quantidade de pessoas feridas, insatisfeitas com a igreja e desvinculadas de suas comunidades. Isso demonstra que a inconstância espiritual está presente na vida de fé da comunidade. Existe uma grande falta de comprometimento e participação permanente, embora muitos não desejem perder o vínculo definitivo ou o desligamento de sua comunidade de fé. Sobre isso Haacke afirma:

Parece que a vida se tornou uma 'viagem de montanha russa', rápida e vertiginosa, pelos seus diferentes estágios. Nessa viagem, os fundamentos que dão sentido e sustento para a pessoa no meio em que se está inserida vão se desintegrando. O que antes era trabalhado na família, na comunidade, orientado por regras de pertença social, agora precisa ser trabalhado pelo indivíduo.²²

O ser humano é feito de experiências, vivências que buscam preencher e dar sentido a sua vida. Está aí um grande desafio ao ministério da visitação: buscar e reintegrar o sentido de viver em comunidade, bem como redescobrir através da comunidade o sentido da vida pautado num relacionamento real e amoroso com Deus e com o meio em que se está inserido, tais quais: sociedade, comunidade de fé e a criação de Deus.

2.3.2 *Secularização*

No meio religioso, tem se falado cada vez mais em secularização. Tal fenômeno tem ocupado grandes debates no meio acadêmico e também na teologia a secularização tem ocupado um grande espaço para estudos. O conceito secularização é um termo de uma enorme dimensão e também de significados, portanto, como palavra introdutória é importante elucidar que não temos como objetivo fazer um estudo aprofundado sobre o processo de secularização, suas causas ou desdobramentos na sociedade, mas sim, de uma forma simples e clara, mostrar as consequências da secularização em nossas comunidades luteranas e apontar tal fenômeno como um grande desafio para o ministério da visitação que visa como grande objetivo incluir e redescobrir por meio do encontro o sentido de comunidade.

²² HAACKE, 2011, p. 10.

Uma compreensão desafiada a entender a secularização a partir da teologia pode ser vista como:

O fenômeno da secularização sintetiza vários aspectos, tendo a prerrogativa da contestação e do desejo diferenciado pelo modo tradicional de conhecer o mundo. De certo modo, secularização permite reunir num mesmo olhar fenômenos múltiplos que, aliás, coincidem parcialmente ou se imbricam uns aos outros: dessacralização, crise da religião, historicidade, mundaneidade, antropocentrismo, horizontalidade, desmitização, 'morte de Deus'.²³

O conceito secularização é amplo, entretanto, um conceito que também é utilizado na linguagem religiosa. Pode ser considerado um conceito de pouca precisão, pois existe ainda uma carga ideológica que gira em torno deste conceito. Conforme o dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo, secularização como declive da religião significa que:

Para certos autores, a secularização é o processo segundo o qual símbolos, doutrinas e instituições religiosas, previamente aceitas na sociedade, perdem o seu prestígio e a sua influência. O processo se orienta, pois, inequivocamente para uma crescente irrelevância do religioso, e a sua culminância seria dada por uma sociedade sem nenhum tipo de religião. Esta é a mais radical interpretação do termo secularização.²⁴

Fundamental para a presente pesquisa sobre a temática e baseada na compreensão acima citada, é indispensável para a pesquisa a compressão da grande mudança de atitude e das novas opções que os cristãos e as cristãs têm encontrado, fazendo com que a religião perca sua influência na vida social de seus membros, isto é, se a igreja não tem influência na vida social, então ela também já não tem mais sentido, fazendo com que as comunidades percam seus fiéis em grande massa, ou seja, vemos no povo cristão o desejo de não ser mais orientados simplesmente por elementos místicos e transcendentais, marcando a ruptura com a tradição religiosa.²⁵ No mundo secularizado, a razão e a política se fortalecem e a tradição religiosa bem como as autoridades eclesiais adoecem e perdem forças.

As grandes consequências da secularização nas igrejas são expressivas, pois cresce o número de pessoas sem vínculo comunitário. Com isso surge a busca pela

²³ ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. **A secularização do ocidente: o declínio e o reavivamento da religião na modernidade e seus reflexos no Brasil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003. p. 30.

²⁴ SECULARIZAÇÃO. *In*: CORTÉS, Javier Martínéz. **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Editora Paulus, 1999. p. 767.

²⁵ ALMEIDA, 2003, p. 30.

experiência espiritual individualizada, sem a tutela das organizações religiosas formalmente organizadas. O censo nos aponta números inquietantes: desde a década de 70 até o último censo demográfico realizado em 2010, o número de pessoas que se dizem sem religião aumentou de 0,8% para 8,0% da população brasileira.²⁶ Como consequência, temos uma sociedade cada vez mais racional, individualista, narcisista, relativista e materialista. O movimento de optar em viver sem um vínculo comunitário, além de esvaziar as igrejas, faz com que elas percam a sua identidade, causando assim uma grande crise existencial.

Para o ministério da visitação é desafiador enfrentar a secularização, por outro lado a secularização pode motivar as organizações religiosas a propor para o indivíduo uma redescoberta na vivência do amor da fraternidade, solidariedade e do contato com Deus por meio da visitação. Contudo, o ministério da visitação poderá ser uma forma de fortalecimento da fé dos próprios visitantes, por último, mediante o ministério da visitação em meio ao fenômeno da secularização é a fé comunicativa que tende a contagiar o próximo através de expressões do encontro e do despertar o comprometimento e o interesse pela comunidade.

2.3.3 Mercado religioso e a mercantilização da fé no Brasil

Nos últimos anos, houve um considerável crescimento de igrejas evangélicas, principalmente de cunho pentecostal em nosso país. O que antes era marcado por um país católico, hoje já não é mais assim. Pesquisas apontam para uma grande modificação religiosa no Brasil. Podemos entender essa transição como a grande queda do catolicismo romano para o expressivo aumento dos evangélicos pentecostais e neopentecostais:

Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010.²⁷

²⁶ IBGE. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espirtas-sem-religiao&view=noticia>. Acesso em: 08 jan. 2019.

²⁷ IBGE. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de>

Nestas grandes mudanças, também podemos incluir o aumento dos não cristãos, ultrapassando os 15 milhões de pessoas nas últimas pesquisas do IBGE de 2010.²⁸ Desta forma percebemos uma grande e radical mudança no mercado religioso nas últimas décadas. Com a crescente do mundo evangélico, especificamente com o pentecostalismo e o neopentecostalismo se sobressai na atualidade a teologia da prosperidade, colocando-se em primeiro lugar o corpo e a saúde, a resolução dos problemas emocionais e psíquicos, tudo isso em barganha com o sagrado e com efeito imediato. Sobre isso Rubem Ferreira Maria diz:

A teologia da prosperidade denega toda a doutrina cristã desde os tempos menos tardios, de dois mil anos, calcada na simplicidade, singeleza, esbulho e na fé do galardão pela vida eterna. Nas entrelinhas, esta teologia sugere uma forma de harmonizar o cristianismo e os ensinamentos de Jesus Cristo ao consumismo e ao capitalismo.²⁹

Com a afirmação de Ferreira Maria, fica claro que existe uma mercantilização da fé, ou seja, uma comercialização, onde a fé passa a ser o grande produto de negociação e barganha. O termo mercantilização deriva do termo mercantilizar. Mercantilizar significa: tornar-se mercantil ou ainda, realizar transações mercantis ou comerciais.³⁰ Na mercantilização da fé, existe um grande interesse comercial, um negócio irrefutável que visa o lucro e a vantagem sobre o produto ou sobre as pessoas.

Evidentemente quando existe o interesse de negociar a fé ou torná-la algo comercial, há também uma grande margem ao oportunismo, que juntas a onerosas propostas, serão manipulações em torno da fé. Naturalmente o próprio mercado da fé estimula esta prática por meio dos mercadores que se utilizam da ingenuidade e precariedade espiritual daqueles e daquelas que buscam desesperadamente por experiências empíricas.³¹

noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao. Acesso em: 02 jan. 2019.

²⁸ IBGE. **Principais resultados - Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 19 jan. 2018.

²⁹ MARIA, Rubem Ferreira. **Evangelização ou mercantilização da fé?** Cotejamentos entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia. Rio de Janeiro: Editora AMCGuedes, 2014. p. 59.

³⁰ MERCANTILIZAR. **Michaelis:** Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mercantilizar/>. Acesso em: 24 jan. 2018.

³¹ MARIA, 2014, p. 41.

As pessoas que comungam com o mundo evangélico pentecostal e neopentecostal não se apegam à tradição de vestimentas, liturgias, imagens ou teologia tradicional e transcendental, onde a fé não é razão nem emoção, mas sim um relacionamento de confiança em um Deus de amor e de graça absoluta. Do contrário, a teologia do consumismo está baseada em um universo dualista: Deus e diabo. Seu mundo é assumido por lucíferes, e é seu papel exorcizá-los. Anunciam enfaticamente a prosperidade financeira. Infortúnio, miséria, provações, penúria são coisas diabólicas. Moléstia e enfermidades só existem em quem não tem fé em Deus.³²

As pessoas estão cada vez mais em busca do que lhes é conveniente e eficaz, buscam soluções divinas para seus problemas. A cura divina, ou a solução divina para os problemas, faz com que as pessoas transitem mesmo de uma igreja para outra, até encontrarem o que almejam.³³ Sobre o modelo neopentecostal Aron Édson Nogueira Giffoni Barbosa ainda complementa:

As igrejas neopentecostais que trabalham a propaganda do milagre possuem certas características. De certa forma, podemos falar de um certo caráter empresarial na oferta de bens religiosos. Por exemplo, a IMPD possui encontros específicos para quem passa por diversos problemas: segunda-feira do crescimento financeiro, terça-feira do milagre urgente, quarta-feira do novo nascimento, quinta-feira da família, sexta-feira clamor do socorro, sábado clamor das portas abertas e domingo da aliança com Deus. Dessa forma, as igrejas atraem um determinado tipo de 'público' que busca solução para seus problemas. O crescimento financeiro está atrelado à Teologia da Prosperidade; o milagre urgente quer ser curado de alguma doença, o novo nascimento é um dia dedicado para aqueles que desejam ser convertidos, o dia dedicado à família; o clamor do socorro serve para quem quer se libertar de algum mal – geralmente atribui-se a esses males como feitiços provocados por umbandistas e/ou candomblecistas; o clamor das portas abertas serve para que 'as portas se abram', ou seja, oportunidades para quem não a tem; e por fim a aliança com Deus, que expõem um culto voltado para assuntos gerais.³⁴

Além deste grande oportunismo em torno da fé e da espiritualidade, pessoas frequentadoras de igrejas neopentecostais não criam vínculos efetivos, não existe uma comunhão em torno dos frequentadores, fiéis não se conhecem, tampouco

³² MARIA, 2014, p. 57.

³³ BARBOSA, Aron Édson Nogueira. **Aspectos do neopentecostalismo na igreja mundial do poder de Deus**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciassociais/files/2010/11/ASPECTOS-DO-NEOPENTECOSTALISMO-NA-IGREJA-MUNDIAL-DO-PODER-DE-DEUS-Aron-%C3%89dson-Nogueira-Giffoni-Barbosa.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

³⁴ BARBOSA, Aron Édson Nogueira. **Aspectos do neopentecostalismo na igreja mundial do poder de Deus**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciassociais/files/2010/11/ASPECTOS-DO-NEOPENTECOSTALISMO-NA-IGREJA-MUNDIAL-DO-PODER-DE-DEUS-Aron-%C3%89dson-Nogueira-Giffoni-Barbosa.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

conhecem o ministro e ministra, além do ministro e ministra não conhecerem o seu público. Sobre isto Barbosa ainda complementa.

Devido ao grande fluxo de pessoas, não há uma frequência certa nos cultos. Ou seja, os frequentadores são, de certa forma, entendidos como clientes, uma vez que há uma espécie de 'lei da oferta e da procura', as pessoas procuram por soluções eficazes (mágico-divinas) e as igrejas oferecem o serviço (a cura). O trânsito religioso é caracterizado, então, por esse fluxo de fiéis que transitam entre as igrejas, sempre buscando novos bens religiosos que são oferecidos pelas igrejas. E esse fluxo é ditado pela eficácia simbólica que cada bem carrega.³⁵

Existe espaço para o ministério da visitação em meio a mercantilização da fé? Sem sombra de dúvidas, o desafio de remar contra a grande onda do mercado religioso poderá ser o maior desafio em grandes centros urbanos, mas também em pequenos vilarejos, onde o mercado religioso se apresenta como uma crescente realidade. É necessário não desanimar e mostrar que o ministério da visitação ainda é um grande eixo diaconal da igreja tradicional e histórica, pois é um meio para a promoção do amor, solidariedade e da comunhão. A importância da visitação está baseada em seus próprios objetivos: comunhão, contato pessoal, planejamento organizacional de uma comunidade de fé, proclamação do evangelho, além da função poimênica e terapêutica e, muitas vezes, ecumênica que ela assume, além de evidenciar a espiritualidade no contato humano que acontece através do diálogo, do olhar e do toque.

Objetivamente o ministério da visitação exercida no contexto luterano ainda tem como propósito a qualidade teológica levada e vivida no grande ministério que nos foi estabelecido pelo próprio Cristo. No oposto da teologia da prosperidade, o ministério da visitação quer ser uma igreja presente e vivida enfaticamente. O luteranismo nunca foi uma igreja de grandes massas, dado isto, é inadiável a construção do ministério da visitação em nossas comunidades e paróquias para a edificação, mas principalmente para a missão interna que visa o cuidado permanente da comunidade de fé já estabelecida. Não é possível, muito menos aceitável, rifar a graça, o cuidado e o amor digno vivido na presença constante de Deus, do contrário esta é a teologia que deve e pode ser resgatada por intermédio do cuidado que se estabelece na visitação.

³⁵ BARBOSA, Aron Édson Nogueira. **Aspectos do neopentecostalismo na igreja mundial do poder de Deus**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciasociais/files/2010/11/ASPECTOS-DO-NEOPENTECOSTALISMO-NA-IGREJA-MUNDIAL-DO-PODER-DE-DEUS-Aron-%C3%89dson-Nogueira-Giffoni-Barbosa.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

2.3.4 *Mundo virtual a mídia e o desapego ao contato físico*

A história da igreja e o legado da reforma nos deixam claro que a libertadora notícia da graça de Deus era estupenda e que esta preciosidade não deveria apenas ser desfrutada pelo clero, mas o reformador Martin Lutero sentia a necessidade de compartilhar esta maravilha com o máximo de pessoas possíveis. Na intenção de proclamar o evangelho, Lutero aderiu algumas novidades como meios de comunicação, ou seja, como um meio de comunicar a graça do evangelho ao povo. Sobre isso Paulo Wille Buss reflete conosco:

Com esta finalidade, ele lançou mão da imprensa, que acabara de beneficiar-se da recente invenção dos tipos móveis de João Gutenberg. Uma quantidade enorme de escritos, distribuídos por todos os gêneros literários, fluía continuamente da pena do Reformador. Mas o texto escrito e impresso não era suficiente para o doutor Martinho. Ele recorreu também às artes, explorando suas potencialidades como meios de expressão do Evangelho. A música, os hinos, as liturgias da Reforma chegaram aos ouvidos e coração de muitos. Além disso a arte da pintura ocupou um lugar proeminente na mídia a serviço da Reforma. Lucas Cranach o Velho foi o principal artista a colocar seus dons de pintor a serviço da divulgação da mensagem divina. Seus quadros proclamam até hoje, a todos os que contemplam, a mesma boa notícia que seu amigo Lutero registrava em escritos e anunciava em sala de aula e do púlpito da igreja.³⁶

Martin Lutero foi um grande comunicador de sua época, utilizou-se das possibilidades midiáticas, tomou decisões e deu sua opinião, baseando-se no conhecimento que existia. Transformou a realidade pautada na comunicação, compartilhou com o povo esperanças, medos e alegrias, Lutero utilizou-se da arte de comunicar-se das mais variadas formas:

Lutero jamais perdeu o contato com o povo simples nem abandonou a vocação pastoral. Ele publicou catecismos para as crianças; deu conselhos espirituais para barbeiros, escreveu uma carta que perdera um filho com pouca idade, enviou conselhos a uma mulher que sofrera um aborto natural. A marca da genialidade de Lutero encontra-se no fato de ele poder dialogar com os teólogos mais eruditos da Europa pela manhã, pregar para moradores de Wittemberg ao meio dia, rir e beber com seus alunos no jantar e ainda dispor de tempo para orar com os filhos e amar a mulher a noite.³⁷

³⁶ BUSS, Paulo Wille (Org.). **Lutero e comunicação**: O uso da mídia na proclamação do evangelho. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2015. p. 5.

³⁷ NGIEN, Dennis. **Lutero como conselheiro espiritual**: a interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 12.

Ainda hoje a forma de comunicar o evangelho é muito variada, embora em contexto luterano as possibilidades são pouco utilizadas, entretanto muitas igrejas fazem uso das mais variadas formas midiáticas de comunicar.

Nas quatro últimas décadas no âmbito da mídia brasileira, percebe-se o crescente uso do televangelismo, ou seja, o uso da televisão para transmitir a fé para as pessoas. A transformação acelerada dos meios de comunicação engloba a televisão, sua procura e uso tornou-se essencial, particularmente entre os neopentecostais e católicos.³⁸ Além da televisão, a internet é um dos meios de comunicação que tem se expandido aceleradamente, gerando desta forma uma nova cultura virtual. Esta cultura contemporânea que exprime a diversidade de fenômenos relacionadas às tecnologias digitais de informação e comunicação, afeta o universo religioso de diferentes maneiras.³⁹ Um dos desafios acima citados é a secularização e um dos efeitos da secularização e da pós modernidade é um novo tempo espiritual e religioso. Sobre isso Valter Luis de Avellar explica:

Em tempos pós-modernos, a secularização não impediu que a vivência religiosa se extinguisse. Essa religiosidade inerente ao ser humano se manifesta de outras formas e em outros ambientes. A internet tem sido utilizada como veículo de comunicação que viabiliza uma sociedade com estímulos religiosos de características próprias. Redes sociais como Facebook e Twitter estão entre os inúmeros recursos desse ambiente, que possui a característica de integrar pessoas a comunidades virtuais em torno de um tema. Desta forma podemos encontrar várias redes de amigos virtuais que estão compartilhando assuntos relacionados à transcendência, à religiosidade e às humanidades. A necessidade de postar mensagens muitas vezes está relacionada à transmissão da experiência mística vivenciada.⁴⁰

A religiosidade ou mercado religioso ou até mesmo a fé se tornaram uma mercadoria que pode ser adquirida ou encontrada por toda parte. Com efeito disso, é notório que a religião está presente com total ânimo em todos os lugares, inclusive virtual. Quando se acreditou que no mundo secularizado a religião poderia enfraquecer, ela ressurgiu das cinzas de formas renovadas e com outros aspectos, além disso, este movimento tem evidenciado um grande investimento financeiro, sobre isso Ferreira Maria ainda diz:

³⁸ MARIA, 2014, p. 90.

³⁹ AVELLAR, Valter Luís de. Ciberultura e religiosidade: interfaces. *In*: SILVEIRA, Emerson José da; AVELLAR, Valter Luís de (Org.). **Espiritualidade e Sagrado no mundo cibernético**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 51.

⁴⁰ AVELLAR, 2014, p. 91.

Um dos aspectos mais evidentes dessa notada revitalização religiosa é a grande ênfase na mídia brasileira, radiofônico, impressa, escrita e falada, televisa e virtual através da internet, cujo retorno é retratado pelo Censo do IBGE 2010 que aponta o surpreendente múltiplo crescimento do avanço do movimento e adeptos do neopentecostalismo.⁴¹

Podemos presumir que adequar-se ao movimento midiático e cibernético possa ter um objetivo, porém não único; a conquista de mais e mais alvos, adeptos ou consumidores, trazendo como consequência o grande retorno financeiro. Ademais, a esfera midiática e virtual da religião traz sérias consequências, perde-se o vínculo essencial, ou seja, o vínculo comunitário e se corre o risco de viver uma fé individual, um tipo de espiritualidade onde se procura apenas aquilo que se acha ser necessário, fazendo disso uma religião pessoal. A televisão torna-se um novo tipo de altar e púlpito, a transferência do espaço litúrgico acontece do templo, igreja ou casa de oração para a privatização doméstica pessoal. A comunidade perde o protagonismo litúrgico para um animador de palco ou um “guru espiritual”. A dimensão do contato físico é extinta, podendo-se, por exemplo, receber uma bênção televisiva ou virtual.

Todavia, é possível o luteranismo admitir que a mídia e a espiritualidade virtual possam ter uma dimensão positiva? Certamente existem pontos positivos naquilo que podemos chamar de ciências da comunicação religiosa, porém, é necessário examinar que tipo de espiritualidade está surgindo no mundo pós-moderno? Há de se ter o cuidado para não transpor a fé em um tipo de espiritualidade virtualizada muito distante do que é concreto e do que pode ser vivido de uma forma empírica. Talvez aqui seja necessário se perguntar: o que somos e no que acreditamos?

Para concluir o primeiro capítulo, é necessário reconhecer que muitos são os desafios para a comunidade de fé, quando pensamos no ministério da visitação, quando queremos ser uma comunidade do cuidado, quando sentimos a necessidade da proximidade do contato e do amor ao próximo que é transformador. Diante de tantos desafios, faz-se necessário expor quais são os estímulos da prática de visitar. O que faz da comunidade de fé ser uma comunidade do cuidado? Pergunta-se também quem são as pessoas que necessitam serem vistas, lembradas, abraçadas e amadas? O capítulo que segue quer abordar tais questionamentos.

⁴¹ MARIA, 2014, p. 70.

3 LEVAI AS CARGAS UNS DOS OUTROS, E ASSIM CUMPRIREIS A LEI DE CRISTO (GÁLATAS 6.2)

Quando falamos ou pensamos na saúde ou na doença, cada vez mais evidencia-se a forte relação entre o corpo e a mente. A tarefa da vida espiritual não consiste apenas em tornar-se livre de erros e dominar instintos e paixões, mas levar uma vida saudável para o corpo e a alma.⁴² No segundo capítulo da presente pesquisa, queremos especialmente falar sobre os estímulos e alegrias do ministério da visitação enquanto cuidado integral do ser humano, abordando principalmente a temática do cuidado e da espiritualidade e como estas dimensões estão presentes na prática da visitação comunitária.

O apóstolo Paulo evidenciou este cuidado integral, ao ser humano quando enviou sua carta à comunidade dos Gálatas. O autor chama a comunidade cristã ao ato do cuidado integral. “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gálatas 6.2). Em um primeiro momento, as cargas em que pensa o Apóstolo são as das faltas morais. Talvez nenhuma outra seja tão sentida, nenhuma oprima tão pesadamente a alma como a de um pecado, do qual aquele que o cometeu conscientemente se envergonha.⁴³ Porém este cuidado vai além:

A exortação, entretanto, não fica limitada apenas a esse tipo de carga, apesar de ser ele o mais duro de suportar e o mais difícil de tirar do coração dos outros e até mesmo compartilhar beneficentemente. Aliviar alguém de tão pesadas cargas é um ato do mais verdadeiro amor. É assim que se torna possível ‘cumprir a lei de Cristo’. Foi essa precisamente a lei que Cristo obedeceu, e foi aquela cujo cumprimento ele exigiu dos que o seguissem. Portanto a obediência dessa lei é o verdadeiro sinal do cristão.⁴⁴

Certamente as palavras do apóstolo são significativas, pois diante de uma situação de queda, dificuldade ou ainda de uma tentação, faz-se necessário o apoio espiritual e o cuidado integral das demais pessoas cristãs que compõem uma comunidade. Esta é uma forma restauradora de comunhão e viver a espiritualidade no contexto eclesial. Uma vez que somos ligados no amor de Cristo, tudo o que afeta

⁴² GRÜN, Anselm; MEINRAD, Dufner. **A saúde como tarefa espiritual**. Tradução de Gabriela Freudenreich. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 69.

⁴³ ERDMAN, Charles. **Comentário à epístola de São Paulo aos Gálatas**. Tradução de Jorge Cesar Mota. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1930. p. 122.

⁴⁴ ERDMAN, 1930, p. 122.

um membro deve afetar todos, princípio este ilustrado mais de uma vez noutros trechos de Paulo, sob a figura do corpo.⁴⁵

3.1 Visitação: cuidado e espiritualidade

Atualmente vivemos uma crise generalizada que vem afetando o ser humano. Esta crise pode estar ligada ao descuido e pela falta de cuidado com que se trata dimensões muito importantes da vida. O sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por sérios analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenômeno do descuido, do descaso e do abandono, resumidamente, falta de cuidado.⁴⁶

Face a esta situação de falta de cuidado, muitos se rebelam. Fazem de sua prática e de sua fala permanente contestação. Mas sozinhos sentem-se impotentes para apresentar uma saída libertadora. Perdem a esperança. Outros perdem a própria fé na capacidade de regeneração do ser humano e de projeção de um futuro melhor. Veem no ser humano mais a dimensão de demência do que de sapiência. Resignaram-se na amargura. Depois da vida há coisa pior do que perder o brilho da vida?⁴⁷

A colocação que o teólogo Leonardo Boff faz através da afirmação de que muitas pessoas perdem a fé na capacidade de regeneração do ser humano e na projeção de um futuro melhor, deixa evidências de que o abandono da religião pode trazer como consequência a falta de fé. Esta afirmação solidifica os inquietantes números do IBGE apresentados no primeiro capítulo. Esquecendo Deus, afirmam, tudo é possível. A religião persiste, mas não consegue ser fonte de sentido transcendente para o conjunto da sociedade.⁴⁸ A reflexão em torno da afirmação de Boff nos questiona, se a religião seria então a solução, ou seja, o retorno à religião seria a grande solução para combater a secularização? Alcançar a piedade novamente será a solução para almejar o bem-estar da civilização? O cuidado integral do ser humano poderá ser uma ponte! O decisivo não são as religiões, mas a espiritualidade subjacente a elas. É a espiritualidade que une, liga e re-liga e integra.

⁴⁵ GUTHRIE, Donald. **A epístola aos Gálatas**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1984. p. 184.

⁴⁶ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 18.

⁴⁷ BOFF, 2012, p. 22.

⁴⁸ BOFF, 2012, p. 22.

Ela e não a religião ajudam a compor as alternativas de um novo paradigma civilizatório.⁴⁹

Embora a colocação acima afirme que o decisivo não seja a religião, mas sim a espiritualidade, uma comunidade religiosa poderá ocupar-se com as questões espirituais e do cuidado no cotidiano. Se o apóstolo Paulo nos afirma que as cargas devem ser carregadas mutuamente, é evidente que o cuidado integral precisa se fazer presente na vida comunitária. Sobre isso Boff afirma:

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento. A atitude é uma fonte, gera muitos atos que expressam a atitude de fundo.⁵⁰

A bela ilustração do autor nos faz refletir sobre o cuidado e sobre a tomada de atitudes mediante as mais variadas situações que nos são colocadas pelo cotidiano. O cuidado necessita estar presente em tudo, o cuidado é uma profunda reflexão que nos remete à essência do ser humano, é ontológico, faz parte do ser humano. Podemos dizer na perspectiva de Boff que somos humanos, porque somos cuidadores. É admirável, mas também espantoso notar a difícil, mas inspiradora tarefa de uma comunidade cristã, quando refletimos sobre a visitação enquanto cuidado. Pois o cuidado é, além de tudo, um modo-de-ser essencial.

Entretanto, o cuidado é ainda algo mais que um ato e uma atitude entre outras. Disse-o o filósofo que melhor viu a importância essencial do cuidado, Martin Heidegger (1889-1976), em seu famoso *Ser e tempo*: 'Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha *a priori*, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato'. Quer dizer, o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado como um *modo-de-ser* essencial, sempre presente e irredutível à outra realidade anterior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser realmente desvirtuada. Um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, define, perde sentido e morre.⁵¹

⁴⁹ BOFF, 2012, p. 23.

⁵⁰ BOFF, 2012, p. 37-38.

⁵¹ BOFF, 2012, p. 38-39.

Afirmar que o cuidado deve estar presente em tudo, é assumir o cuidado como causa, origem existencial, cuidado como o próprio ser. Talvez nos perguntamos o que fazer com a profundidade da reflexão do cuidado? Enquanto seres humanos e no contexto da presente pesquisa, podemos usar a linha horizontal para tratar do cuidado, pois afinal de contas existem seres humanos ainda palpáveis, aqueles e aquelas que ainda encontramos fora das redes sociais. Como humanas, as pessoas são seres falantes; pela fala constroem o mundo com suas relações. Por isso, o ser humano é, na essência, alguém de relações ilimitadas.⁵² A construção do ser humano se dá através de outros sujeitos:

O eu somente se constitui mediante a dialogação com o tu, como o viram psicólogos modernos e, anteriormente filósofos personalistas. O tu possui uma anterioridade sobre o eu. O tu é o parceiro do eu. Mas o tu não é qualquer coisa indefinida. É concretamente um rosto com olhar e fisionomia. O rosto do outro torna impossível a indiferença. O rosto do outro me obriga a tomar posição a indiferença. O rosto do outro me obriga a tomar posição porque fala, pro-voca, e-voca e con-voca.⁵³

Somos seres relacionais e acima de tudo seres que se transformam a partir do outro, da cultura e do meio social, somos seres humanos que ao longo de toda a vida se constroem, reconstroem, destroem ou fragmentam. Desde o nascimento, necessitamos de cuidado, o que deve fazer nascer também em nós a responsabilidade, o que Leonardo Boff chama de nascimento da ética que reside na relação de res-ponsa-bilidade diante do outro.⁵⁴

É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou de cooperação. Cuidar do outro é zelar para que a dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amorização.⁵⁵

A construção de um diálogo a partir de um ministério da visitação é uma das grandes dimensões do cuidado de uma comunidade. A partir do cuidado libertador e a edificação da paz e do amor somos encaminhados e encaminhadas ao cuidado integral do ser, pois esta busca do cuidado é realizada a partir da fé, que nos direciona para uma construção do cuidado do ser na dimensão da espiritualidade. Esta cura

⁵² BOFF, 2012, p. 162.

⁵³ BOFF, 2012, p. 162.

⁵⁴ BOFF, 2012, p. 163.

⁵⁵ BOFF, 2012, p. 163.

integral é a percepção de que cura é um processo global, envolvendo a totalidade do ser humano e não apenas a parte enferma.⁵⁶ Cura enquanto um grande equilíbrio humano, corpo, mente e espírito. Então o pecado-doença dá lugar à graça-cura.⁵⁷ A partir deste apanhado referente ao cuidado, queremos ainda falar sobre a espiritualidade cristã e a grande relevância desta temática para um ministério da visitação que busca o bem integral e cuidado enquanto graça e cura.⁵⁸

O cuidado está intimamente ligado à vida espiritual ou à espiritualidade do ser humano, sendo que não se pode separar o cuidado da espiritualidade ou a espiritualidade do cuidado. São dimensões que caminham lado a lado, estão unificadas. Cuidado aqui significa se preocupar com a interioridade.⁵⁹ Cuidar da interioridade significa também cuidar do espírito, o que comporta, laborar a espiritualidade. Neste sentido, Boff ainda afirma o quanto é importante a comunhão, com o ministério e com Deus:

Cuidar do espírito é abrir-se ao ministério do mundo e ao ministério maior, que é a Última Realidade, ou Deus. Espiritualidade não se resume em pensar sobre Deus, mas em senti-lo no coração, poder dialogar com Ele e auscultar sua voz que vem de todas as direções, mas especialmente Ele se faz ouvir pelos chamados de nossa consciência. Importa fazer a passagem da cabeça ao coração, porque é o coração que sente, venera, ama a Deus.⁶⁰

É muito claro que pertence à dimensão do cuidado a espiritualidade. O cuidado e a espiritualidade é que dão sentido a determinações humanas que estão ancoradas à vida em um sentido transcendental em um sentido amplo da vida, pois espiritualidade refere-se com a integralidade da vida, com o corpo, com a mente e com o espírito, com relações humanas, vida social, cultural e até mesmo política. A espiritualidade é também a relação com o transcendente, com Deus e não deixa de ser uma busca incansável do ser humano pelo sentido da existência humana. Urbano Zilles, faz referência à espiritualidade num amplo sentido cristão:

⁵⁶ BOFF, 2012, p. 171.

⁵⁷ BOFF, 2012, p. 172.

⁵⁸ CUIDADO: Cuidado remete a palavra latina *cura* (ou *coera*), usada de forma erudita também em português, *cura* significa exatamente cuidar e tratar, como se pode ler nos dicionários: “Os nossos maiores curavam (cuidavam, se preocupavam) mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos delas” (Alexandre Herculano). Conhecida é a expressão “cura d`almas” para designar o pastor o padre que cuidam da vida espiritual de uma pessoa. BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 28.

⁵⁹ BOFF, 2012, p. 64.

⁶⁰ BOFF, 2012, p. 199.

Se examinarmos os múltiplos usos da palavra 'espiritualidade' podemos encontrar um sentido fundamental da espiritualidade cristã e situá-la no contexto da revelação. Para o judeu-cristianismo, a palavra espírito, da qual deriva espiritualidade, não designa espírito do homem, mas o Espírito de Deus, o Espírito Santo. Quando a bíblia fala do espírito do homem refere-se não a uma parte do homem, mas ao todo em sua relação com Deus.⁶¹

No contexto judaico cristão, espiritualidade é a fusão entre o ser humano e o Espírito de Deus. É uma experiência concreta, realidade com que faz o ser humano ser movido pelo Espírito Santo a viver o Evangelho, ou seja, uma experiência concretizada e testemunhada. Uma espiritualidade é uma forma concreta, movida pelo espírito, de viver o Evangelho.⁶² É muito interessante, mas também muito inspirador este olhar comprometido que Hermann Brandt traz a respeito da reflexão acerca da espiritualidade, pois é uma forma comprometida que causa engajamento e comprometimento no seio da comunidade cristã. Uma forma de viver o Evangelho e a espiritualidade não somente em palavras, mas sim em atos e ações que transformam uma realidade de dor, sofrimento, angústia e solidão em experiências de libertação e cuidado. É necessário ressaltar as palavras de Brandt:

Como se pode caracterizar essa experiência espiritual? Ela é antes de mais nada, o reconhecimento de ter sido agraciado imerecidamente. 'A comunhão com o Senhor e com todos os homens é, antes de tudo, um dom... saber, porém, que na raiz de nossa existência pessoal e comunitária se acha o dom da autocomunicação de Deus, a graça de sua amizade, enche de gratuidade a nossa vida... e faz aí brotar o verdadeiro amor'. Isso quer dizer, a experiência da graça de Deus, de seu amor a nós, é a fonte da espiritualidade da libertação. Ela 'deve estar na vivência de vivência de gratuidade'. Ela é a consequência de ter sido agraciado imerecidamente por Deus. Por termos recebido o amor de Deus, isso 'faz brotar' o nosso amor a ele e aos homens; isso ativa os talentos recebidos em favor de nosso próximo, mais ainda, isso dá a entender que também nossa dedicação e as nossas atividades são entendidas como dádiva recebida.⁶³

Desta forma se faz o ministério da visitação, por sermos amados por Deus, nasce nos cristãos e nas cristãs o mais puro amor e cuidado para com o próprio Reino de Deus presente entre nós e para com o nosso próximo. Este cuidado que surge da espiritualidade impulsiona o caminhar da família de fé em direção e a favor do próximo,

⁶¹ ZILLES, Urbano. Espiritualidade cristã. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MUELLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da (Orgs.). **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13.

⁶² BRANDT, Hermann. **Espiritualidade: Motivações e critérios**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1978. p. 44.

⁶³ BRANDT, 1978, p. 44.

formando, assim, uma grande rede de cuidado, amor e unidade daqueles e daquelas que se unem em oração no espaço que chamamos de comunidade de fé.

Atualmente, há, sem dúvidas, uma forte procura pelo espiritual, embora a palavra espiritualidade nem sempre seja ligada ao âmbito eclesial. Há cerca de três séculos, a palavra espiritualidade passou a ser muito usada no Ocidente cristão.⁶⁴ Porém, ao questionar o significado da palavra, confirmamos que este é amplo. Definir espiritualidade é como comer sopa com um garfo: a gente nunca termina e fica o tempo todo com fome.⁶⁵ Desta maneira, estabelecer uma normativa para espiritualidade é impossível, pois conceituar a palavra é algo absolutamente devoluto. Entretanto, espiritualidade é algo que tem a ver com a prática, com as experiências de vida, ou seja, espiritualidade não se faz a partir da teoria, mas sim, na experiência empírica, sobre isso André Droogers reflete:

A espiritualidade é o processo de produção simbólica pelo qual a pessoa e o grupo religioso se comprometem numa relação existencial com uma realidade sagrada e, como consequência disso, com outras pessoas e outros grupos de pessoas. Espiritualidade é a vivência de um relacionamento inspirado pela religião.⁶⁶

A partir da citação de Droogers, é possível reiterar que espiritualidade tem a ver com a vida social de um indivíduo, mas também é um relacionamento com o transcendente, com alguma divindade, com Deus, inspirado por um grupo de pessoas e vivenciado a partir do relacionamento entre pessoas de fé. Talvez não seja ousado deixar constar que a espiritualidade é um exercício efetivo na busca de um sentido maior, ou seja, a espiritualidade cristã é a forma empírica, impulsionada pelo Espírito Santo de viver o Evangelho de Jesus Cristo entre os seres humanos, e toda a criação na busca constante do relacionar-se uns como os outros.

No luteranismo, a espiritualidade a partir do Espírito Santo é elucidada no próprio Catecismo Menor, onde o terceiro artigo da santificação nos diz:

Creio no Espírito Santo, uma santa igreja cristã, a congregação dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e na vida eterna. Amém. O que significa isso? Resposta: Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito me

⁶⁴ ZILLES, 2004, p. 12.

⁶⁵ DROOGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 111-128, 1983. p. 112.

⁶⁶ DROOGERS, 1983, p. 128.

chamou pelo Evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na fé verdadeira e única.⁶⁷

Nesse sentido, para a igreja luterana a fé não é algo intangível, mas apresentada como algo existencial e pessoal. Ela não surge de reflexão racional e analítica, é obra do Espírito Santo que utiliza a dinâmica da Palavra de Deus. Esta fé é pessoal e existencial, mas não assunto privado, ela se insere imediatamente no contexto da comunhão da igreja de Cristo. As formas com as quais a comunidade ou o cristão individual expressa sua fé chamamos de espiritualidade. Espiritualidade, portanto, inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida do cristão. Trata-se da vivência da fé sob as condições da vida cotidiana. Como *praxis pietatis*⁶⁸ a espiritualidade abrange a dimensão individual, a dimensão familiar, a dimensão comunitária e a dimensão social, planetária e cósmica.⁶⁹

Unir cuidado e espiritualidade pode ser um desafio, porém, no paradigma holístico, cuidar significa igualmente ter cuidado com o ser humano no acolhimento, na atenção, na preocupação com seu bem-estar, na satisfação de suas necessidades, considerando o outro como corpo, mente e espírito, como um ser social e espiritual, ou seja, como ser integral.

3.2 Dimensões do cuidado espiritual a partir da visitação

No pequeno apanhando feito acima sobre visitação como um viés do cuidado e da espiritualidade de uma comunidade de fé, constatamos que cuidado e espiritualidade não podem ser separados em um contexto judaico cristão, pois a visitação é uma maneira pela qual o próprio Deus se relaciona com o ser humano. Dietrich Bonhoeffer acreditava que Cristo somente faz sentido na existência do outro e que a própria comunidade de fé é chamada a ser “pequenos Cristos” para o seu próximo, pois o lugar do cristão e da cristã é estar e ser inserido no mundo, contextualizado e compartilhando a história com o seu próximo e com a comunidade de fé. Sobre isso Harald Malschitzky escreve:

⁶⁷ LUTERO, Martinho. Catecismo Menor. *In*: LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 371.

⁶⁸ Prática piedosa. (Tradução nossa).

⁶⁹ ADAM, Julio César. **Espiritualidade e Cuidado**. Tema da aula: Espiritualidade e cuidado: desenvolvimento da espiritualidade individual, familiar, comunitária, planetária; saúde integral, espiritualidade e gestão organizacional; espiritualidade e pensamento sistêmico; Buen Vivir; novo ethos civilizacional e sentido de vida. São Leopoldo, Faculdades EST, 2018. (Comunicação oral).

Em distintos momentos, Bonhoeffer sabe falar do Cristo de formas diferentes. Claro está em todos os escritos que ele nos legou que o Cristo está no centro da Igreja e da vida cristã. Afastar-se do Cristo significa pura e simplesmente negar a fé, negar o Deus bíblico. Em muitas passagens, ele sabe manter a sintonia com a forma bem tradicional de falar do Cristo, por exemplo, nas palavras do Credo Niceno, que, para dar ênfase à encarnação, fala de Deus verdadeiro e verdadeiro homem. No Cristo, é o próprio Deus que se encarna por nós. Ele vê os sinais concretos do Cristo no Antigo Testamento - a exemplo do Lutero -, em sua leitura dos Salmos ou meditando, por exemplo, na figura de Davi. Nesse contexto, ele afirma que *Davi somente é importante, na medida em que ele é testemunho de Cristo, não para si, mas para Cristo e assim para a Igreja de Cristo*. A presença aqui e agora do Cristo está na pregação, nos sacramentos e na comunidade e seus membros, onde Cristo se encarna para que cada um seja um *pequeno Cristo*. Justamente esta última leitura lhe rendeu muitas críticas. Já na prática da fé, na vivência de uma profunda espiritualidade, o Cristo está presente no decorrer do dia. São suas estas palavras: *O dia da comunidade neotestamentária inicia com o alvorecer e termina com a aurora da nova manhã. Esse é o tempo do cumprimento, da ressurreição do Senhor. Cristo nasceu durante a noite, uma luz nas trevas; o meio dia se converteu em noite quando Cristo sofreu e morreu na cruz. No alvorecer do dia da Páscoa, porém, Cristo saiu vitorioso da sepultura* (Vida em Comunhão, p. 28). Cristo só faz sentido sendo encarnado continuamente na comunidade.⁷⁰

A partir da reflexão de Harald Malschitzky, concluímos que uma comunidade viva é uma comunidade ativa, na qual as pessoas se conhecem, se interessam umas pelas outras, onde a comunidade busca o relacionamento e o compartilhamento de desejos, sentimentos, fé, vivência e o interesse umas pelas outras. Atualmente temos a impressão de que a Igreja se caracteriza pela falta de comunhão, No primeiro capítulo, discorreremos sobre os grandes desafios presentes em uma comunidade, salientando que cada vez mais as pessoas vivem sozinhas, isoladas, com poucos contatos relacionais. Também Sidnei Noé discorre sobre estes aspectos, sendo eles, uma característica da comunidade.

O tempo que dispunham para terem contato umas com as outras, para se visitarem, para conversarem entre si sobre seus problemas foi gradativamente sendo substituído pela passividade, por exemplo, diante do aparelho de televisão. A participação na vida comunitária se restringe a eventos especiais como Páscoa, Natal, Batismo, Confirmação, Bênção Matrimonial, Sepultamento. Uma comunidade viva é constituída por pessoas que buscam a comunhão e a convivência entre si.⁷¹

Porém o outro lado característico de uma comunidade é a comunhão a partir da visitação, do cuidado e da espiritualidade presente em um encontro de fé.

⁷⁰ MALSCHITZKY, Harald. **Dietrich Bonhoeffer**: discípulo, testemunha, mártir - Meditações. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 7.

⁷¹ NOÉ, Sidnei Vilmar. Deus visita seu povo. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva**: Manual de educação a distância. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 11-12.

Ir ao encontro, buscar, ir atrás, procurar, visitar são verbos que exprimem o outro elemento constitutivo da identidade da comunidade cristã, a partir das palavras de Jesus: Idê... Este é o lado que talvez esteja mais negligenciado em muitas comunidades e paróquias da IECLB. As comunidades delegam ao (à) obreiro (a) esta função. Este (a), por sua vez, não tem tempo para assumir mais este trabalho. O resultado é que temos uma comunidade que só chama vinde a mim e ignora o compromisso do ide. Esse chamado, no entanto, só alcança algumas pessoas que estão mais próximas. Até as 'pontas' da congregação este chamado não chega. Nas 'pontas' da congregação muitas vezes estão as pessoas que moram distantes geograficamente, mas também aquelas pessoas em situação de crise e por doença, deficiência, idade avançada ou até mesmo receio ou vergonha não conseguem ir até à igreja.⁷²

Sem sombra de dúvidas, a visitação é uma das formas em que o cuidado está presente a partir da solidariedade e da vivência da fé, ou seja, da espiritualidade. É necessário o calor humano e o acolhimento a partir da visitação, pois a visitação é um assinalante pela qual se manifesta o discípulo e discípula de Cristo. Numa comunidade de fé, todos e todas deveriam viver como uma grande família, onde uns compartilham com os outros e as outras suas necessidades, seus anseios, suas alegrias e sua fé. A partir disso, torna-se necessário dar prioridade à visitação de pessoas e grupos mais necessitados.

3.2.1 Acompanhando enfermidades e pessoas em fase terminal de vida

A pessoa enferma e o moribundo geralmente são seres humanos solitários, seguramente enfermos e moribundos são mergulhadas em uma atmosfera de imensa tristeza. Por vezes, estas pessoas se encontram hospitalizadas, ou seja, em um ambiente frio e em situação de dor e sofrimento. Em meio à situação limítrofe da vida, a comunidade pode se perguntar e redescobrir que tipo de cuidado se pode ter com uma pessoa adoentada ou na fase final da vida. A solidariedade e o amor que encontramos a partir da fé, despertam na comunidade o comprometimento com o próximo, o ministério da visitação deve ir ao encontro das pessoas, assim como Jesus Cristo fez; ele não centralizou a sua ação no templo, no espaço físico, mas agiu de uma forma bem distinta. A comunidade cristã é chamada a ir ao encontro das pessoas que sofrem e ouvir seus anseios, suas dores, o seu dia, somente assim haverá a capacidade de experimentar a dor do próximo. Maurício Haacke diz:

No Novo Testamento a concepção de ser Igreja é diferente: Jesus não centralizou sua ação no templo. Pelo contrário, ele se misturava ao povo e compartilhava do seu dia a dia. Com isso, Jesus conheceu seu povo e soube

⁷² NOÉ, 2003, p. 12.

de seu sofrimento. Sua ação não estava centralizada numa espécie de 'paróquia' como as temos hoje, mas ele buscava a ovelha perdida (Lucas 15.3-7 e João 10). Seu ministério revela uma igreja itinerante: 'Ide e fazei discípulos' (Mateus 28.19). Em outras palavras: não podemos ficar esperando que as pessoas nos procurem na igreja (templo).⁷³

É função da comunidade cristã a intenção a partir da fé de partilhar do sofrimento na doença ou na fase final da vida das pessoas. Não só delas, mas também de toda a família que sofre, pois, esse sofrimento não é somente físico, mas também um sofrimento existencial. É neste momento que questionamentos emocionais e espirituais se fazem presentes, pois a dor e a morte nos colocam no momento limítrofe da vida humana.

Na vida existem muitos momentos em que o ser humano se depara com os mais variados sentimentos, entre eles, estar próximo da morte certamente traz à tona intensos sentimentos. Ao citar estes sentimentos dos quais discorreremos na pesquisa, é possível verificar a presença da dualidade de sentimentos. Thomas Heimann fala sobre a dualidade destes sentimentos:

De um lado, podem brotar sentimentos como ansiedade, tristeza, melancolia, angústia, aflição, medo, pavor, tristeza, abandono, solidão, dúvida, saudade, desesperança, sofrimento, apego, revolta, culpa, ira, entre outros. De outro lado, podem brotar sentimentos positivos de expectativa de alívio, alegria, esperança, fé, amor, acolhimento, serenidade, confiança, entrega, desapego, desprendimento, reencontro, segurança e certeza da companhia divina.⁷⁴

É sabido que irmãos e irmãs de fé não apenas sofrem com a doença e o estágio final da vida, mas muitos e muitas também sofrem devido ao abandono ao qual são sujeitos pelo fato de poucas pessoas se aproximarem neste estágio da vida. Sobre isso Lothar Hoch escreve:

O mais importante em tudo isso é ter a sensibilidade de ouvir e de permitir que o doente consiga dizer o que pretende, sem ser atropelado pela necessidade prematura da pastora ou do pastor em lhe trazer consolo. Ouvi

⁷³ HAACKE, Maurício. *Visitação à pessoa doente e Hospitalizada*. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva**: Manual de educação a distância. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 48.

⁷⁴ HEIMANN, Thomas. *Face a face com Deus: A espiritualidade diante da morte e do morrer*. In: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. **Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2008. p. 48.

atentamente as minhas razões e isso já me será a vossa consolação, afirma Jó, alguém indiscutivelmente experimentado pelo no sofrimento.⁷⁵

Existem na doença e no estágio final da vida várias formas para encarar a morte. A forma como cada pessoa encara isso está diretamente relacionada a inúmeros fatores, como: idade, estrutura familiar, fé entre outros fatores. A preparação pessoal para a morte passa, de uma forma geral, pelos cinco estágios propostos por Kübler-Ross⁷⁶, em sua obra: *Sobre a morte e o morrer*.⁷⁷ É muito importante ter a sensibilidade na comunidade de acompanhar e respeitar profundamente as pessoas em situação limítrofe, pois esta é uma atitude de amparo à vida, no sentido de ser uma presença solidária no momento mais difícil da vida. Neste sentido, faz-se muito interessante as colocações dos autores Nilton Eliseu Herbes e Rafael Souza Rodrigues:

O reformador Martin Lutero já admoestava as comunidades a praticarem o amor aos necessitados e a ampararem os desprotegidos. Enfatizava a imagem da igreja como corpo, onde, principalmente os fracos, precisam de maior atenção. Walter Altmann, citando uma obra original de Lutero escreve: 'Esta vida é a vida de cura do pecado; não é sem sentido, até que a cura esteja completa e a saúde tenha sido obtida. A Igreja é o hospital e o sanatório para os doentes serem curados. O céu, porém, é o palácio para os sãos e justos.'⁷⁸

⁷⁵ HOCH, Lothar. Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados. *In*: MOLZ, Cláudio; WEHRMANN, Guenter F. K. (Coord.). **Proclamar Libertação**: Ofícios – Suplemento 2. São Leopoldo: Sinodal 1988. p. 58.

⁷⁶ KÜBLER-ROSS, Elisabeth: Nasceu a 8 de julho de 1926 em Zurique, Suíça. Formada em medicina, mudou-se para os Estados Unidos acompanhando o marido. Desde a infância interessou-se pela arte do cuidado em meio às perdas. Com ampla experiência em hospitais, começou, em 1960, sua pesquisa sobre a morte e o morrer; atendeu aos pedidos de estudantes do Seminário Teológico de Chicago, que solicitaram a sua ajuda para compreender as crises da vida humana, dentre as quais a maior seria a morte. A partir desses seminários e das pesquisas sobre o processo do morrer, Kübler-Ross sistematizou esse momento por meio dos estágios do luto, tanto para quem está na fase terminal como para aqueles que estão sofrendo a perda de alguém para a morte. PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós**: luto, aconselhamento pastoral e esperança. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011. p. 62.

⁷⁷ HEIMANN, Thomas. Visitação à pessoas enlutadas. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva**: Manual de educação a distância. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 80.

⁷⁸ HERBES, Nilton Eliseu; RODRIGUES, Rafael Souza. Perdão no horizonte da vida: acompanhamento espiritual hospitalar a pacientes diante da morte. *In*: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler, *et. al.* (Orgs.). **Perdão**: onde saúde e espiritualidade se encontram. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2016. p. 159.

3.2.2 Acompanhando pessoas enlutadas

Uma das coisas mais normais ou naturais da vida do ser humano é a visitação mútua. Uma grande parcela de pessoas neste mundo sente a necessidade de estar em contato com outras pessoas e, neste ato de visitar-se, as pessoas se comunicam, ouvem novidades, expressam sentimentos e falam sobre momentos vivenciados. No seio da comunidade cristã, existem exemplos maravilhosos de como as pessoas apoiam-se mutuamente, tornando este ato em uma grande rede de ajuda, sendo esta ajuda um ato extremamente eficiente na arte de visitar pessoas enlutadas. Talvez seria interessante nos perguntarmos em um primeiro momento o que é o luto?

Luto. S.m.1 Sentimento de tristeza profunda por motivo da morte de alguém. 2. Luto originário por outras causas (separação, partida, rompimento, etc.); amargura, desgosto. 3. Tempo durante o qual devem manifesta-se certos sinais de luto. 4. O fato de perder um parente ou pessoa querida, perda por morte.⁷⁹

Entretanto, cabe ainda ressaltar algumas observações importantes de Blanches de Paula:

Quando falamos de luto, não nos referimos somente ao tema da morte, mas perdas que colecionamos no decorrer de nossa vida. Nesse sentido, não podemos negar que luto geralmente está mais associado à morte, num primeiro momento. Mas o luto não é sinônimo de morte, mas de vida. Vida vinculada à dimensão da fé, das ciências que procuram compreender o ser humano nas várias nuances de seu existir.⁸⁰

Na sociedade em que vivemos, é sabido que o ato de sofrer, muitas vezes, é um sinônimo de grande fraqueza e de imaturidade. Na medida em que uma pessoa cresce no corpo social de uma determinada cidade ou localidade, tanto mais comedido e aprimorado parece que as pessoas se tornam na forma de manifestar o luto. Morrer é parte integral da vida, tão natural e prescindível quanto nascer. Mas enquanto o nascimento é motivo de celebração, a morte tornou-se um assunto aterrorizante, do qual não se pode falar, evitado de toda forma possível em nossa sociedade moderna.⁸¹

No ato fúnebre, muitos são os acessórios para manter o equilíbrio e a postura, por exemplo, maquiagens e óculos de sol são uma forma de esconder os verdadeiros

⁷⁹ LUTO. In: FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latino-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. p. 691.

⁸⁰ PAULA, 2011, p. 57.

⁸¹ PAULA, 2011, p. 67.

sentimentos. Porém é inevitável pensar em luto, sem lembrar dos laços afetivos que construímos ao longo de toda uma vida. Falar em luto é, na maioria das vezes, travar uma luta interna para conseguir lidar com a despedida e com a ausência. A continuidade da vida pessoal, familiar, profissional e social envolve o estímulo e, ao mesmo tempo, a desmotivação para viver. Como muitos estudiosos do luto, Parkes⁸² reafirma a importância de espaços de expressão do luto que sejam vistos de forma natural pela sociedade.⁸³

Em tais realidades, o acompanhamento a pessoa enlutada pode ser um grande desafio ou uma tarefa libertadora. Sobre isso Thomas Heimann escreve:

Pode parecer óbvio, mas a primeira tarefa do luto é encarar a realidade de que a pessoa está morta, ou seja, foi embora deste mundo e não irá retornar. Algumas pessoas, porém, não conseguem aceitar isto tão facilmente, negando esta morte de alguma forma.⁸⁴

Neste sentido, a grande tarefa da comunidade cristã que visita e está ao lado dos enlutados e enlutadas é de auxiliar na aceitação da dura realidade da perda. Para que isso possa acontecer de uma forma sadia, a dor precisa ter espaço para se manifestar. O luto que é acompanhado através de visitas, encontra um ambiente de clareza e entendimento no que diz respeito ao manifestar-se livremente e este ato pode trazer paz interior e possibilidade de um recomeço. Por outro lado, muitos estudos e autores afirmam que a dor do luto retraído podem ser a causa de doenças, transtornos e depressão.

No entanto, acompanhar pessoas enlutadas requer também preparo emocional e intelectual, há de se lidar com os mais variados sentimentos e comportamentos neste processo. A tristeza, raiva, culpa, ansiedade, fadiga, solidão, preocupação, distúrbios de sono, falta de apetite, isolamento fazem parte de um luto que se pode considerar um luto sadio.⁸⁵ Entretanto, as pessoas que visitam, devem ficar muito atentas e perceber quando a pessoa enlutada está passando por um luto crônico ou doentio.

A negação ou a ausência de qualquer uma das características acima citadas é um dos indicativos de problemas no luto. Por outro lado, a combinação e muitas das características num só indivíduo também sinalizam problemas.

⁸² PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

⁸³ PAULA, 2011, p. 72.

⁸⁴ HEIMANN, 2003, p. 66.

⁸⁵ HEIMANN, 2003, p. 68.

Outros indicativos do luto crônico poderão ser uma duração muito prolongada de algumas características de luto (mais de três anos), uma intensidade muito grande em determinados comportamentos (luto exagerado) ou ainda uma frequência muito grande em tais comportamentos (ex. ficar o tempo todo chorando).⁸⁶

Há muito o que se dizer a respeito do luto e das formas de se acompanhar pessoas enlutadas, entretanto, cabe lembrar ainda que a comunidade cristã vive da esperança. Todo sofrimento deve ser posto na perspectiva da esperança do Cristo ressuscitado. A prática do ministério cabe à toda a comunidade, o ministério da visitação também está na perspectiva de cumprir os preceitos bíblicos que nos dizem: “Alegram-se com os que se alegram e chorem com os que choram (Romanos 12.15)”. Ressalto ainda as palavras de Blanchet: Um destaque importante nas várias categorias de cuidado aventadas por Boff está no que ele denominou “Cuidado de nossa grande travessia, é internalizar uma compreensão esperançosa da morte.”⁸⁷

Acompanhar pessoas que passam pelo processo do luto é uma forma de cuidado que evoca uma profundidade afetiva em todas as relações, o acompanhamento e aconselhamento a pessoas enlutadas é uma característica indispensável do cuidado. A comunidade cuida porque ela é cuidada por Deus. Concluo com as palavras de Blanchet:

Portanto, cuidado pastoral não diz respeito somente ao pastor e pastora, mas a comunidade-pastora que busca uma prática do cuidado em todas as situações enfrentadas por seus membros. O que caracteriza o cuidado pastoral é uma prática conjunta das comunidades que procuram, mediante atitudes, cumprir os valores disseminados pelo grupo.⁸⁸

3.2.3 *Visitação e acompanhamento a pessoas idosas*

Envelhecer é tão natural quanto viver. Vivemos envelhecendo. Envelhecendo vivemos. O que não é natural e nem é vida, é esmorecer, “morrer” antes de morrer.⁸⁹ A vida do ser humano é uma preciosidade, por outro lado faz-se necessário lembrar que a vida é frágil e passageira, por isto é indispensável viver na certeza de que se está caminhado em direção ao caminho certo, assumindo a missão e reconhecendo a razão do viver. Para tanto, atitudes maduras e saudáveis de aceitação do

⁸⁶ HEIMANN, 2003, p. 69.

⁸⁷ PAULA, 2011, p. 181.

⁸⁸ PAULA, 2011, p. 184

⁸⁹ HEIDEMANN, Enos; HERTEL, Hildegart. **Vivemos envelhecendo, envelhecendo vivemos.** São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 25.

envelhecimento ajudarão a entender que a vida é dinâmica. Em cada fase temos alegrias e dificuldades. Vivemos em constantes mudanças. Precisamos sempre de novos ajustes, novos objetivos e motivações para manter acesa a chama e o fôlego da vida.⁹⁰

Para compreender o universo da pessoa idosa é necessário incluí-la no cuidado de acompanhar e visitar estas pessoas no seio da comunidade cristã. O cuidado através da visitação é fundamental, além de ser uma atividade muito importante, pois é através do contato físico, visual e pessoal que se expressa o quanto as pessoas idosas são importantes para a comunidade. Em muitos casos, as pessoas de idade já não têm mais a capacidade de acompanhar as atividades de sua comunidade como talvez gostariam e, por este motivo, nem sempre são lembrados e incluídos no meio eclesial e social de uma maneira digna e respeitosa. Henriete Lichtenfels sobre isso fala:

Olhar para os idosos e ver como eram tratados em épocas antigas, e na sociedade atual, levanta muitos questionamentos. Podemos olhá-los sob a 'perspectiva da miséria' e sob a perspectiva da 'fonte de recursos'. O que seria isso? Com a modernização e o capitalismo, as pessoas idosas perderam muitos espaços e papéis que em outras épocas eram importantes e continuam sendo de grande valor para elas, como: chefe da família, sábios em decidir conflitos, pessoas que tinham mais conhecimento, aqueles que ensinavam os mais novos da família, como também no trabalho. A 'perspectiva da miséria' utiliza essas idéias [sic] para mostrar o quanto o idoso perdeu, e que a função da sociedade deveria ser em termos de fazer campanhas para os idosos, pelos seus direitos, pois eles não são capazes de auxiliar a si mesmos. Na "perspectiva da fonte de recursos" não se olha para as pessoas idosas em termos de perdas, de solidão, de abandono, dependência e inatividade. Ao contrário, olham-se as pessoas como ativas, interessadas no mundo que as cerca e criativas.⁹¹

Chegar à terceira idade para muitas pessoas é motivo de grande inquietação, pois nem sempre as aposentadorias são adequadas às necessidades da pessoa idosa, muitos precisam deixar de viver com certos luxos com os quais viviam antes. Em alguns casos, a pessoa idosa vive sozinha e isolada. O meio social é hostil para com os idosos no nosso tempo. E nós corremos o risco de nos tornarmos hostis para com o nosso próprio envelhecimento.⁹² Para envelhecer com dignidade é necessário aceitar esta etapa da vida. Rita de Cássia da Silva Oliveira reflete:

⁹⁰ HEIDEMANN; HERTEL, 1994, p. 25.

⁹¹ LICHTENFELS, Henriete. Visitação à pessoas enlutadas. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva**: Manual de educação a distância. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 33-34.

⁹² HEIDEMANN; HERTEL, 1994, p. 20.

Considerada como um dos estágios naturais do processo vital do ser humano, a velhice merece tratamento especial, porque, se, de um lado, pode haver um nivelamento entre os indivíduos pela força de problemas comuns a serem enfrentados e, também, pelas consequências da involução orgânica, de outro, o processo de envelhecimento em si varia consideravelmente de indivíduo para indivíduo, assumindo conotações específicas e diversificadas.⁹³

Estar e sentir-se incluído no meio social e eclesial desempenha uma força ativa muito positiva. A comunidade religiosa oportuniza que as pessoas idosas possam ter vínculos e boas relações, protegendo-as da solidão, isolamento e doenças psicossomáticas. As pessoas idosas passam por uma grande quantidade de situações difíceis, e aquelas que vivem sua espiritualidade, sua religiosidade, conseguem ser mais participativas na vida da comunidade, cuidam melhor de si, de sua vida de casamento, de suas amizades.⁹⁴

Geralmente a pessoa idosa é muito acolhedora e gosta de estar envolvida nas atividades desenvolvidas por sua comunidade de fé, bem como é muito receptiva, quando se vai ao encontro dela nas visitas. A igreja não pode esperar que pessoas que sofrem com as dificuldades de locomoção venham até ela, mas é necessário fazer o movimento oposto. A visita a pessoas idosas é um grande ato de amor e de solidariedade que traz consigo muito alegria, consolo, diálogo, compreensão e fortalecimento da fé. É viável nesta perspectiva organizar grupos de pessoas idosas que visitem idosos acamados, doentes e em estado de vulnerabilidade.

É sempre bom lembrar que a visita é uma grande, se não a maior marca pela qual se dá a conhecer o discipulado de Jesus Cristo. Muitos idosos sentem-se deprimidos. Alguns têm a sensação de serem como objetos usados e encostados no sótão. A vida passa e eles têm a sensação de não estarem participando das coisas que acontecem ao seu redor. Muitos gostariam de participar de encontros familiares ou reuniões, mas têm dificuldades de se locomoverem.⁹⁵

No texto bíblico que encontramos em Atos 15.36, lemos que o apóstolo Paulo pede para voltar e visitar os irmãos e irmãs em todas as cidades onde já anunciaram a palavra do Senhor. Ressalta, ainda, que esta visita tem o intuito de ver se estas pessoas estão bem. Há muitas pessoas e principalmente pessoas idosas que se sentem solitárias e que não têm com quem compartilhar suas alegrias e suas

⁹³ OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira idade**: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 87.

⁹⁴ LICHTENFELS, 2003, p. 35.

⁹⁵ LICHTENFELS, 2003, p. 31.

preocupações, sentindo assim falta do calor humano. Isso nos mostra que também fora do culto há idosos e idosas que necessitam de comunhão e valorização através da visitação.

3.2.4 *Em busca dos membros afastados através a visitação*

Quando abordamos o tema visitação, é muito importante lembrar que ir ao encontro e visitar pessoas não significa fazer uma seleção de pessoas das quais mais gostamos, mas sobretudo, ir ao encontro das mais necessitadas. Sem sobra de dúvidas, no que diz respeito às pessoas que necessitam serem lembradas e visitadas, são aquelas que estão afastadas. O objetivo da visitação a membros afastados é reintegrá-los na vida da comunidade. Geralmente, o indicador mais claro do afastamento no contexto luterano é o fim das contribuições ou a não participação nos programas da comunidade.⁹⁶

Embora tenhamos poucos autores e bibliografia que tratam a respeito da visitação a pessoas afastadas, acredito que abordar este tema é profundamente importante, pois, nas comunidades religiosas, existe um número muito elevado de pessoas que se afastam do vínculo comunitário. É muito urgente fazer o questionamento do que tem causado o afastamento destas pessoas. As pessoas afastadas do vínculo comunitário representam um dos maiores desafios para a comunidade de fé. A existência do membro afastado pode ter os mais diversos motivos, os quais precisam ser analisados com coerência. Talvez a pergunta gire em torno de como trazer membros afastados para o convívio da comunidade. Carlos Eduardo Müller Bock escreve:

É importante saber porque se afastaram. Mas como saber isso? Uma pesquisa seria uma ferramenta adequada. Mas é isso que queremos? Não. O que queremos é o retorno dos membros a uma vida ativa na comunidade. Esse é o objetivo. Como alcançá-lo com êxito?⁹⁷

O programa de visitação pode ser uma das soluções, porém esta visita é algo difícil. Esta tarefa resulta, muitas vezes, em lembrar antigas feridas e problemas do passado, por outro lado, somente desta forma as antigas feridas e problemas do

⁹⁶ BOCK, Carlos Eduardo Müller. Visitação a pessoas afastadas. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva**: Manual de educação a distância. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 31.

⁹⁷ BOCK, 2003, p. 91.

passado podem ser resolvidas sem procurar culpados ou atribuir culpas, pois o grande objetivo não é achar a culpa, mas sim alcançar com êxito os membros que não participam mais das atividades de suas comunidades. As pessoas de uma comunidade de fé gostam de ser lembradas e de serem vistas. A pergunta fundamental é: quem são estas pessoas que paulatinamente vão desaparecendo do convívio comunitário? Qual é a causa deste afastamento ou desligamento, o que levou estas pessoas a deixarem a sua igreja?

A comunidade cristã, através do ministério da visitação, quer ser um ambiente de permanente apoio mútuo, o encontro com estas pessoas não mais é uma visita qualquer, mas sim o anúncio verdadeiro do Evangelho de Jesus Cristo, marcado por uma escuta amorosa, pois esta é uma tarefa que foi dada por Deus à sua comunidade. Tomar para si esta tarefa, é assumir a missão de reconciliação que tem como base reconquistar e animar para o retorno. O testemunho bíblico fundamenta a preocupação pela busca por novos caminhos. Lothar Hoch assim descreve:

Ao buscar novos caminhos para a Igreja, antes de mais nada, precisamos voltar nossos olhos para o testemunho bíblico. Segundo a concepção judaica, chegará o dia em que todos os povos virão a Israel e adorarão a Deus no templo de Jerusalém (Isaías 2.2-3). Tudo estava centralizado no tempo e nos sacerdotes. Achava-se que Deus reinaria a partir do seu lugar sagrado (Sião) e que todos os povos teriam que se reunir ali para se encontrar com Ele. O Novo Testamento nos confronta com uma concepção diferente. O próprio Jesus não centralizou sua ação no templo. Pelo contrário, se misturava no meio do povo e compartilhava do seu dia-a-dia. Desta forma Jesus toma conhecimento das pessoas e está próximo da sua doença e do seu sofrimento. Sua ação não está centralizada numa espécie de 'paróquia' como a temos hoje. Ela vai em busca da ovelha perdida (Lucas 15.3-7 e João 10). Seu ministério é itinerante. Por isso o mandamento de Jesus é muito claro: 'Ide e fazei discípulos' (Mateus 28.18). Em outras palavras: não podemos ficar esperando que as pessoas nos procurem na Igreja, pois isso está se tornando cada vez mais raro em meio ao crescente processo de urbanização que se vive nos dias de hoje.⁹⁸

A atual situação de nossas comunidades está marcada pela falta de união e comunhão entre seus membros. Um pequeno número de pessoas do quadro de membros é quem de fato é ativo e participativo. A grande maioria vive afastada e só comparece em ocasiões especiais (Natal, Páscoa, Batismo, Confirmação, Casamento e Enterro). Os grupos de senhoras, de jovens e de estudos bíblicos geralmente atingem apenas uma pequena parcela da comunidade.⁹⁹ Com base nas afirmações anteriores, constatamos que mais importante do que saber a causa do afastamento,

⁹⁸ HOCH, Lothar Carlos. **Comunidade Solidária**, ICTE – Série visitação, n. 4, ano 1991. p. 3.

⁹⁹ HOCH, 1991, p. 1.

é primeiramente ir ao encontro e reconquistar seus fiéis, mostrando-lhes que a comunidade é uma família solidária, que a pessoa visitada é alguém muito especial e que visitar é valorizar.

3.3 Visita e acompanhamento espiritual permanente enquanto caminho para a resiliência

Anteriormente os termos espiritualidade e cuidado foram pesquisados e constata-se que estes não podem ser separados, pois a visitação é uma maneira pela qual o próprio Deus se relaciona com o ser humano. A espiritualidade é uma parte necessária da vida religiosa e compreendida como parte da vivência do Evangelho. Se visitação é o anúncio do evangelho, marcado pelo amor e pela solidariedade, então poderá ser uma grande ponte para a resiliência, sendo que este assunto aqui será trabalhado diante da sua importância na vida das pessoas, ofertando oportunidades para serem melhor, para se recriar e se redirecionar diante das situações difíceis da vida, tais situações trabalhadas previamente neste capítulo. Chama muito atenção a visitação enquanto caminho para a resiliência, pois esta temática oferece uma outra apresentação no que tange o enfrentamento de situações traumáticas, oferecendo a capacidade de superação.

Mas o que é resiliência? Para iniciarmos a temática é muito importante saber o que significa o termo, segundo Susana Maria Rocca Larrosa:

É a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condição de vida difíceis e de traumas às vezes graves. É a capacidade humana universal de lidar e superá-la, aprender ou mesmo ser transformado com a adversidade inevitável da vida. Essa capacidade de proteção permite a “uma pessoa, um grupo ou uma comunidade impedir, diminuir ou superar os efeitos nocivos da adversidade”. Implica tentar transformar intempéries, momentos traumáticos e situações difíceis e inevitáveis em novas perspectivas. Para o médico e psicanalista Aldo Melillo, é ‘a capacidade dos seres humanos de superar os efeitos de uma adversidade à qual estão submetidos e, inclusive, de sair fortalecidos da situação’.¹⁰⁰

Na psicologia, resiliência é definida como:

¹⁰⁰ ROCCA LARROSA, Susana Maria. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. *In*: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana Maria; *et. al.* (Orgs.). **Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado.** São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2007. p. 10.

Resiliência é [résilier] recuperar-se ir para a frente depois de uma doença, um trauma ou um estresse. É vencer as provas e crises da vida, isto é, resistir a ela primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [rebondit (se desenvolve depois de uma pausa)] e se (re) constitui.¹⁰¹

Diante das citações acima, fica claro que o destaque no processo de resiliência é a superação ou recuperação e a capacidade de resistir diante dos inúmeros desafios e intempéries que a vida condiciona, além de continuar a caminhada da vida com motivação e alegrias. O conceito resiliência já foi amplamente estudado. No contexto latino-americano, especialmente pelo CIER (Conselho de Igrejas para Estudo e Reflexão), estuda-se resiliência em projetos sociais e recentemente comunitário, isto é, a capacidade de uma cidade, povo ou nação de superar coletivamente situações adversas.¹⁰²

A resiliência é uma realidade, uma capacidade presente no ser humano, algo que se constrói ao longo de toda uma vida. As atitudes resilientes podem ser promovidas, com o apoio de pessoas ou instituições (família, igreja, escola, centro de saúde, organizações ou associações sociais ou políticas, etc.), que se preocupam em motivar a ativação das capacidades de superação das dificuldades.¹⁰³ Neste sentido, cabe ressaltar a importância da igreja no paradigma da resiliência:

O paradigma da resiliência não é uma técnica nem uma solução mágica. É um saber interdisciplinar no qual convergem diferentes áreas e setores: ciências sociais, ciências da saúde, economia, administração entre outros, mas que deveria também ser pesquisado nas áreas do direito e da teologia prática. Há no entanto, poucos autores que se detêm para descrever como fé, a espiritualidade, ou a pertença a um grupo, comunidade ou instituição religiosa influenciam na hora da superação das dificuldades e sofrimentos pessoais e sociais.¹⁰⁴

A participação e convivência em uma comunidade de fé é, sem sobra de dúvidas, uma forma de dar significado à vida. Viver a espiritualidade de uma forma comunitária por inúmeras vezes consolida a superação e o enfrentamento de crises. A igreja cristã e a fé ensinam a confiança na presença divina. Neste sentido, a comunidade pode ser terapêutica, a presença constante e permanente da comunidade serão o suporte para a recuperação, para a cura e para a resiliência em

¹⁰¹ ROCCA LARROSA, 2007, p. 10.

¹⁰² ROCCA LARROSA, 2007, p. 12.

¹⁰³ ROCCA LARROSA, 2007, p. 12.

¹⁰⁴ ROCCA LARROSA, 2007, p. 12.

momentos de crises, dor e enfrentamentos de situações limítrofes que a vida naturalmente vai impondo. Esta afirmação Susana Rocca também faz:

Vários autores concordam em que a vivência da religião e a participação na igreja são fatores de proteção, pois ajudam tanto a assumir com aceitação as adversidades inevitáveis, quanto a lutar com esperança por uma transformação. Grunspum salienta que '[a] espiritualidade com suporte congregacional permite suportar crises e superar com recuperação', já que, na confiança na presença divina, é possível até "crescer com a adversidade, sentindo que não tem somente a força dos homens, mas uma força superior". Para Walsch, 'a religião e a espiritualidade podem ser recursos terapêuticos poderosos para a recuperação, cura e resiliência.'¹⁰⁵

O autor Luis Cruz Villalobos também acredita que a religião seja um fator relevante e primordial para o desenvolvimento positivo de pessoas resilientes. Villalobos menciona alguns fatores resilientes que são desenvolvidos em um ambiente cristão:

Redes sociais e senso de pertença: a pessoa cristã se sente parte de uma comunidade de fé, com a qual compartilha uma visão de vida: além disso ali ela interage de modo construtivo e em interdependência. *Senso de transcendência:* é obvio o potencial que a experiência cristã tem quanto a isto, já que nela se opta pela possibilidade coerente de que o ser humano, por meio da ação libertadora de Deus realizada por Jesus Cristo, pode chegar a transcender concretamente depois da morte. *Senso do próprio futuro:* o cristianismo bíblico traz uma profunda convicção de sentido na vida; o cristão consegue ter a segurança de que todo acontecimento na vida tem um bom propósito caso se ame a Deus (Rm 8.28-30) e que o futuro é progressivamente mais pleno. *Relação de carinho e apoio:* a comunidade de fé cristã (não a igreja em termos instituição hierárquica ou como organização social somente) é uma estreita rede social de vínculos significativos, múltiplos e permanentes. *Expressão de expectativas altas e positivas:* embora o cristão tenha uma consciência clara de sua limitação pessoal, também tem uma consciência nítida de seu potencial como meio da ação de Deus no mundo; por isso, tem, expectativas altas, positivas e reais ('vocês poderão fazer coisas maiores do que estas', disse Jesus a seus discípulos). *Oportunidade de participação e contribuição significativa para o meio social:* junto com o anterior, os crentes em Jesus sabem que têm um chamado imperativo para participar e contribuir significativamente no meio social mediante o fomento do reinado de Deus na terra, que implica o reinado do amor, da justiça, da paz, da igualdade, do bem. *Atribuir significação subjetiva e positiva ao estresse e seu enfrentamento:* a pessoa cristã pode compreender as graves dificuldades da vida a partir de uma perspectiva muito especial e, ao mesmo tempo, positiva.¹⁰⁶

As ações de cuidado promovidos a partir da vivência espiritual de uma comunidade são vitais para a superação de traumas e dificuldades, esta é uma

¹⁰⁵ ROCCA LORROSA, 2007, p. 20-21.

¹⁰⁶ VILLALOBOS, Luis Cruz. Resiliência: uma novidade antiga. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.). **Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral:** Contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 189.

unidade que faz brotar cura interior diante de uma crise vivenciada. A visitação será também uma ação solidária e diaconal de uma comunidade, pois ela visa atender o seu próximo. Desta forma, a igreja assume mais uma vez a sua responsabilidade pelo mundo e pelo ser humano, além de construir ou reconstruir vínculos fundamentais na comunidade de fé. A presente pesquisa tem como objetivo chamar a atenção sobre a necessidade de fazer uma relação inseparável entre cuidado, espiritualidade e resiliência. Nesta direção, lembramos que a bíblia está repleta de experiências de pessoas que passaram por situações adversas: mortes, perdas, abandono, sofrimento, enfermidade e que tiveram na fé um elemento altamente significativo de fortalecimento e de superação.¹⁰⁷

Entre muitos textos, vemos em Tiago 1.2-4 um relato que traz o tema de uma forma especial: “Meus, irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes.” Percebemos neste texto bíblico a absurda felicidade encontrada mediante a dor. Villalobos complementa:

O texto de Tiago, expressados em termos simples, diz: ‘Tu, que conheces a Cristo como teu Salvador e Dono, deves ter a alegria mais profunda e completa quando estiveres submerso em variadas dificuldades.’ De saída, Tiago fala aos que ele chama ‘meus irmãos’, aqueles que tinham experimentado um encontro de fé pessoal com Jesus, que tinha mudado o rumo de sua vida. Diz-lhes que se alegrem grandemente nas dificuldades, o que soa absurdo e não parece ser um bom conselho, mas Deus vê muito além.¹⁰⁸

Para concluir o segundo capítulo, lembremos ainda que cuidado e espiritualidade são um estímulo para pessoas que creem. O ministério da visitação passa a ser uma forma de deixar que a espiritualidade tome forma concreta, sendo ela uma maneira de cuidar do próximo. Ambas não podem ser separadas, mas caminham lado a lado, ou mais, cuidado e espiritualidade são fundidas e como experiência únicas, muitas pessoas experimentam a resiliência. Pessoas que assumem o ministério da visitação, passam a cuidar, vigiar, auxiliar, fomentar a espiritualidade em momentos limítrofes da vida cristã, sendo estes os momentos de

¹⁰⁷ SANTOS, José Carlos Valentin dos. **A espiritualidade resiliente**: um caminho a ser percorrido pelos membros da Igreja Presbiteriana do Brasil. 2012. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2012. p. 48.

¹⁰⁸ VILLALOBOS, 2008, p. 190.

enfermidade, idade avançada, fase terminal da vida, luto, afastamento ou abandono da vida cristã por algum motivo.

4 NOVAMENTE JESUS DISSE: PAZ SEJA COM VOCÊS! ASSIM COMO O PAI ME ENVIOU, EU OS ENVIO (JOÃO 20.21)

Pedro e João tinham visto o túmulo vazio, porém os discípulos continuavam com muito medo e isolados dentro de casa. Jesus chegou e ficou com eles, mas não momentaneamente, antes sim, uma permanência permanente. Desejando-lhes a paz, Jesus envia os seus discípulos para a missão no mundo. Jesus foi enviado pelo Pai para reconciliar todos e todas com Deus e, desta forma, recompor a unidade do ser humano. Agora cabe aos seus discípulos continuar a edificação da Igreja.

No mundo em que vivemos, não bastam mais apenas as palavras, mas o anúncio do evangelho de Jesus Cristo será forte, se for apoiado com a prática de vida, assim como fizeram os primeiros cristãos. É necessário concretizar o amor de Deus com a prática diária, doando, respondendo a quem se encontra em necessidade, doando alimentos, roupa e amizade a quem se encontra sozinho e desesperado, apoiando as pessoas que passam por momentos limítrofes e difíceis. É desta forma, que o testemunho do poder de Jesus será visível e, desta forma nos tornaremos, como Lutero diz, pequenos Cristos no mundo. Assim, a obra de Jesus continuará.

4.1 Visitação como exercício do Sacerdócio Geral de todas as pessoas que creem

O sacerdócio geral de todas as pessoas que creem tem uma relação muito presente no que tange o conflito de Lutero com a hierarquia eclesiástica e a dominação plena do Papa. O grande conflito visível em 1517 se deu a partir da divulgação oficial das 95 teses, com as quais Martinho Lutero ataca a autoridade do Papado no que diz respeito a sua impossibilidade de erro na interpretação das Escrituras Sagradas e na venda das indulgências, as quais eram adquiridas pelo povo como uma carta de perdão dos pecados e garantia de entrada no Reino de Deus. Assim Carlos Romeu Dege salienta:

Martinho Lutero indica que a união com Cristo, que acontece pelo Batismo, torna os crentes sacerdotes, unidos à graça de Deus e membros de um só corpo. Para explicar esta compreensão de sacerdote, Lutero usa, inicialmente, os textos de Ex 13.2 e Ex 22.29ss. Através da tradição do Antigo Testamento, mostra que o primogênito possuía direitos diferenciados, entre eles, os do sacerdócio e do reinado. Pelo fato de Cristo ser designado o

primogênito dos primogênitos, todos os que estão unidos com Ele pelo batismo unem-se ao seu sacerdócio e a sua realeza.¹⁰⁹

A partir disso, entendemos que Martinho Lutero compreende que todos os cristãos e cristãs, e não somente o clero, são sacerdotes. Rudi Romel afirma que o termo sacerdócio geral deriva de determinadas passagens bíblicas. “1Pe 2.9; Ap 5.9s; 1Co 4.1 e 1Co 12,12”.¹¹⁰ Porém a argumentação de Lutero não somente está atrelada à base bíblica, Romel salienta:

Mas além da base bíblica, Lutero também fundamenta o Sacerdócio Geral no ‘ser cristão’. Somos cristãos porque temos um só batismo, um Evangelho, uma fé. Neste contexto, o Batismo tem acentuada importância. Diz Lutero: pelo batismo todos somos ordenados sacerdotes e nós todos somos igualmente sacerdotes, todos os que foram batizados.¹¹¹

Entende-se a partir das afirmações de Romel, que, na prática, todo membro de comunidade é chamado a colaborar com seus respectivos dons. Podemos ainda afirmar que os serviços em uma comunidade são frutos do Batismo e uma consequência do sacerdócio de todos os que creem, ou seja, é através do serviço que a comunidade expressa a sua fé, são práticas da comunhão em Cristo. Como resultado do sacerdócio, percebemos uma comunidade participativa com apoio despretensioso que corresponde à vocação de cada membro de comunidade colocando em prática os mais diversos dons. Assim como está descrito em Romanos 12.3s:

Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo, e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se em fazê-lo; ou o que exorta faça com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria. O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. No zelo, não sejais remissos; sedes fervorosos em espírito, servindo ao

¹⁰⁹ DEGE, Carlos Romeu. **Na proposta de Jesus não há diferença entre clero e leigos/as**: análise histórica e eclesiológica na argumentação para a instalação de equipes de liturgia. 2005.. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005. p. 29.

¹¹⁰ ROMEL, Rudi. **A concepção luterana do ministério eclesiástico e do sacerdócio geral analisada a partir dos escritos à Nobreza Alemã acerca do melhoramento da Igreja e do Cativo Babilônico da Igreja**. 1983. Curso de aprofundamento teológico. – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1983. p. 16.

¹¹¹ ROMEL, 1983, p. 16-17.

Senhor; regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes; compartilhai as necessidades dos santos; praticai hospitalidade; abençoai os que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. Tendo o mesmo sentimento uns para com os outros, em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos. Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens, se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens, não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: a mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.¹¹²

A passagem bíblica de Romanos 12.3ss registra a diversidade de dons da comunidade de Jesus Cristo, ao qual o sacerdócio geral de todos os que creem pode basear-se. Este serviço é obra do Espírito Santo recebido por todas as pessoas batizadas, sendo assim, o testemunho concreto na vida em comunidade ou da Igreja se torna de fato viva. “A partir do Sacerdócio Geral, portanto, todos os cristãos estão em igualdade. Não existe um estado ou uma classe social que os diferencie.”¹¹³ O sacerdócio geral de todas as pessoas que creem liberta as pessoas cristãs para uma participação ativa e comprometida na Igreja, no serviço e no amor ao próximo.

Entendemos que o sacerdócio geral é o que motiva a comunidade de Jesus Cristo a estar presente na vida da comunidade, ou seja, presença real no encontro através da visitação. Para Martinho Lutero, a visitação era um assunto de suma importância, e assim escreve Lutero:

Quão divina e benéfica obra é visitar as paróquias e comunidades cristãs por meio de pessoas ajuizadas e habilidosas, o Novo e Antigo Testamento nos mostram o bastante. Pois ali lemos que São Pedro viajou pelas terras judaicas, At 9.32.s. Paulo, juntamente com Barnabé, At 15.2, também passou novamente por todos os lugares onde haviam pregado. E em todas as epístolas ele testifica o quanto se preocupa com todas as comunidades e paróquias, escreve cartas, envia seus discípulos, desloca-se ele próprio; da mesma forma, os apóstolos, em At 8.14, quando ouviram que Samaria havia aceito a Palavra, enviaram para lá Pedro e João. E no Antigo Testamento também lemos como Samuel circulava ora por Ramá, ora por Nobe, ora por Gilgal, etc., não pelo prazer de passear, mas por amor e dever de seu ministério, bem como pela necessidade do povo. Assim também Elias e Eliseu o fizeram, como lemos no livro de Reis. Esta atividade também o próprio Cristo exerceu com muito empenho em prol de todos, tanto é que por

¹¹² ROMANOS 12.3-21. In: BÍBLIA DE ESTUDOS DA REFORMA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1916.

¹¹³ ROMEL, 1983, p. 17.

isso ficou sem um lugar sequer sobre a terra em que pudesse deitar a sua cabeça, que fosse seu próprio lugar.¹¹⁴

O sacerdócio geral de todas as pessoas que creem é um tema da teologia luterana que nos surpreende, encanta e cativa, pois com ela entendemos que a tarefa de anunciar o evangelho de Jesus Cristo é uma tarefa conjunta, de toda a comunidade, de todas as pessoas cristãs. Esta tarefa é um fruto do Evangelho de Jesus Cristo e uma consequência do sacerdócio.

Este é um aspecto fortemente acentuado por Lutero. À base de 1Pe 2.9s. e outras passagens bíblicas (Ap 1.6; etc.), ele conclui que toda pessoa batizada é deveras espiritual, pertencente à raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus.¹¹⁵

Gottfried Brakemeier afirma que, desde o batismo, a pessoa cristã passa a ser sacerdote, a partir da morte e ressurreição de Jesus Cristo não existe mais intermediários, mas o acesso a Deus é direto e isto faz com que os cristãos e cristãs estejam comprometidos e comprometidas a assumir a função do sacerdócio. Neste sentido cabe ressaltar:

Os cristãos oferecem sacrifícios espirituais (1Pe 2.5) em forma de louvor e adoração (Hb 13.15). Oferecem-se a si mesmos 'de corpo e alma', entregando-se a Deus e à sua causa (cf. Rm 12.1s.). Cumpre-se assim o mandamento do serviço a Deus e ao próximo. É interessante observar que Lutero entende o sacerdócio dos cristãos como um sacerdócio mútuo. Somos sacerdotes uns dos outros. Enquanto o culto é devido a Deus, e somente a ele (Mt 4.10), a diaconia é devida às pessoas ao nosso lado. Dessa forma, Lutero não hesita em conclamar a que nos tornemos 'um Cristo para os outros'. Pois assim como Cristo se tornou o nosso próximo, também compete a nós fazer com relação aos nossos semelhantes. Somos uma comunidade de irmãos e de irmãs. Devemos servir-nos uns aos outros com os nossos dons. É óbvio que nas atividades sacerdotais esteja incluído o mandato de anunciar e comunicar o evangelho.¹¹⁶

A partir das afirmações, cabe à comunidade de Jesus Cristo, entender, compreender e encontrar a importância da visitação, pois dentro da comunidade, a visitação   uma das formas em que a solidariedade se manifesta. "Para Lutero, uma

¹¹⁴ LUTERO, Martim. *Visitação - Introdução ao assunto*. In: LUTERO, Martinho. **Martinho Lutero**: obras selecionadas. v. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 257-258.

¹¹⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. **O ministério na IECLB** – Sua teologia e práxis. In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, MANSK, Erli (Org.). **Manual de ordena o e instala o**. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: IECLB, 2011. p. 11. Disponível em: http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/o-ministerio-na-ieclb-sua-teologia-e-praxis. Acesso em 17 de janeiro de 2019.

¹¹⁶ BRAKEMEIER, 2011, p. 12.

das formas de servir é o diálogo mútuo e a consolação estre irmãos e irmãs (Artigo de Esmalcalde, ponto IV)".¹¹⁷ Todas as pessoas que creem são convidadas e estimuladas ao serviço de visitar. Esta será umas das formas que a comunidade atenderá a sua própria comunidade, aquelas pessoas que estão necessitadas de cuidado, amor e solidariedade. Lothar Hoch também soube dar grande importância para a temática da visitação. Hoch afirma que "com o passar dos anos a Igreja perdeu essa idéia [sic] de ser um corpo solidário onde todos pegam juntos."¹¹⁸

É evidente que uma das formas solidárias de ser Igreja, ser e assumir seu papel de pessoa cristã é através da visitação. Jesus Cristo é o exemplo disso, também ele não assumiu o seu ministério de uma forma solitária, pelo contrário, desde o início ele convocou pessoas e fez delas seus discípulos e discipulas. O ministério da visitação refletido a partir do sacerdócio geral de todas as pessoas cristãs reflete a necessidade da comunidade assumir o seu papel. Há muitas pessoas solitárias que não têm com quem partilhar suas alegrias e preocupações. Muitas delas sentem falta de calor humano.¹¹⁹

Martinho Lutero, através de seus escritos, nos deixou o legado da redescoberta do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem e, a partir dela, chamou todas as pessoas cristãs para assumirem a responsabilidade do ministério. Lutero deu ao povo cristão o acesso de serem educados na fé. Hoje sabemos o que significa ser cristão batizado e cristã batizada. Enio Ronald Muller afirma ainda que "a pessoa cristã representa Cristo, ela é 'Cristo para o próximo'. O cristão é mediador da ação de Deus para o próximo".¹²⁰

A expressão Cristo para o próximo utilizada por vários autores é uma interpretação do escrito de Lutero de 1520, encontra-se no Tratado acerca da liberdade cristã:

Vê, de acordo com esta regra, os bens que temos de Deus devem fluir de um para o outro e tornar-se comuns, de sorte que cada qual assuma o seu próximo e proceda com ele como se estivesse no lugar dele. Eles fluíram de Cristo e fluem para dentro de nós, ele que nos assumiu de tal modo e procedeu conosco como se ele fosse o que nós somos. De nós eles fluem

¹¹⁷ LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 332.

¹¹⁸ HOCH, 1991, p. 4.

¹¹⁹ HOCH, 1991, p. 8.

¹²⁰ MULLER, Enio Ronald. Fundamentos da ética em Lutero. In: WACHHOLZ, Wilhelm; *et. al.* (Org.). **Identidade evangélico-luterana e ética**: Anais do III Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005. p. 13.

para dentro daqueles que deles necessitam, a tal ponto que inclusive minha fé e justiça tem que colocar-se perante Deus, para cobrir e interceder pelos pecados do próximo que devo tomar sobre mim, e neles labutar e servir como se fossem meus próprios, pois foi isso que Cristo fez a nós. Este é, portanto, o verdadeiro amor e a regra sincera da vida cristã. Ele, porém, é verdadeiro e sincero lá onde é verdadeira e sincera a fé. Por isso o apóstolo descreve o amor com aquilo que não procura o que é seu (1Co 13.5). Concluimos, portanto, que a pessoa cristã não vive em si mesma mas em Cristo e em seu próximo, ou então não é cristã.¹²¹

É necessário que a comunidade assuma a sua tarefa num mundo onde os desafios são múltiplos, onde o cuidado abriu as portas para o descuido e o descaso. Enquanto seres humanos, pessoas que creem, sabemos que o amor é o caminho que abre portas, cura, partilha, movimenta e faz renascer e brotar a maior beleza e fonte de vida que é o cuidado, a espiritualidade e a resiliência. Tudo isso porque:

Numa visita a pessoa visitada torna-se alguém especial. A pessoa se sente valorizada. Ela tem oportunidade de falar de sua situação particular e até mesmo de se queixar daquilo que não lhe agrada na Igreja. Falando com o povo da Igreja, percebe-se que do que mais se lembram são de visitas recebidas em momentos difíceis de sua vida.¹²²

Na individualidade do século XXI, há muitas pessoas doentes, cansadas, solitárias, descuidadas e abandonadas. Estas, na maioria das vezes, não têm a possibilidade de partilhar seus sentimentos, angústias, preocupações ou alegrias. Estas pessoas necessitam de calor humano, elas sentem falta da essência do ser humano, ou seja, do cuidado. Não será apenas com celebrações eucarísticas que estas pessoas serão saciadas de seus anseios. É preciso, com urgência, se tornar mais uma vez presença real, um pequeno Cristo no seio da comunidade cristã. A teologia luterana é inspiradora, foi e sempre de novo é inovadora, cabe à comunidade ressignificar esta teologia e dar sentido a suas vidas através da fé cristã e de sua comunidade.

4.2 A conciliação do ministério da visitação com a diaconia e a reciprocidade bíblica

No início da presente pesquisa, abordamos a temática ministério. No primeiro capítulo, assim definimos a palavra: ministério vem do latim e significa “serviço”. É a

¹²¹ LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: LUTERO, Martinho. **Martinho Lutero**: obras selecionadas. v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 456.

¹²² HOCH, 1991, p. 8.

tradução de uma palavra grega, “diaconia”, que aparece muitas vezes no Novo Testamento. Biblicamente a palavra ministério ou serviço nos apresenta várias formas com que a comunidade possa servir. Martin Volkmann afirma o que já havíamos constatado anteriormente:

Nas versões atuais da bíblia, ministério geralmente é a versão de *diakonia*, que originalmente significa ‘servir a mesa’ ou, em sentido genérico ‘servir’. Portanto, para caracterizar o ministério, o Novo Testamento opta por uma expressão sem qualquer conotação religiosa ou associação com alguma posição de destaque. Além disso, a opção por este termo para caracterizar funções exercidas dentro da comunidade cristã demonstra o caráter comum de todos os cargos e funções ministeriais – serviço. É a postura de quem se põe à disposição de Deus e do próximo, a exemplo do próprio Jesus que esteve entre eles como aquele que serve (Lc 22.27) e que considera a disponibilidade para o serviço uma marca do discipulado (Mt 20.26; Mc 9.35; Jo 13). Portanto, para o Novo Testamento, todas as funções existentes na Igreja contêm esse caráter básico: estar a serviço em obediência a quem serviu primeiro.¹²³

É evidente que não é possível fazer uma distinção entre ministério e diaconia. Nesta ótica, ousou afirmar que a diaconia é o princípio, o ponto de partida da comunidade cristã. A partir da nova aliança em Jesus Cristo na ressurreição, as pessoas que compõem a comunidade cristã exercem a tarefa do ministério a partir do batismo, este ministério assumido pela comunidade se transforma no serviço. Portanto, o ministério primariamente é único, e todas as pessoas batizadas participam dele, com base no servir, ou seja, na diaconia. Uma vez feita esta afirmação, penso ser necessário trazer alguns apontamentos sobre a etimologia do termo diaconia. O termo diaconia provém do grego e sua forma *diakonein* tem originalmente o significado de *servia à mesa*. Seu sentido mais amplo é simplesmente *servir*.¹²⁴

Todavia, podemos fazer alguns acréscimos. Rodolfo Gaede Neto por exemplo destaca que:

É a partir desse pano de fundo teológico que se deve compreender o emprego do termo *diaconia* especialmente nas cartas do NT e no livro de Atos dos Apóstolos. Aí diaconia significa servir a Igreja, ou seja, todo o serviço que contribui para a edificação da Igreja de Cristo (Ef 4.11ss; 1Co 16.15; Ap. 2.19). Há na comunidade uma diversidade de serviços, que corresponde com a diversidade de dons concedidos aos membros (1Co 12.4ss), entre elas a diaconia da pregação (At 6.4), a diaconia da reconciliação (2Co 5.18), a diaconia do testemunho da salvação (Hb 1.14), a diaconia da assistência material a comunidades necessitadas (Rm 15.30s, 2Co 8.1-6; 9.1,12s; At 1.17,25; 20.24; 21.19; 1Tm 1.12), a diaconia da evangelização (2Tm 4.5) a

¹²³ VOLKMANN, Martin. Ministérios. In: KILPP, Nelson; FILHO, Fernando Bortolletto; SOUZA, José Carlos (Orgs.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 652.

¹²⁴ GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. In: KILPP, Nelson; FILHO, Fernando Bortolletto; SOUZA, José Carlos (Orgs.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 288.

diaconia da missão (2Tm 4.11). Além da experiência do diaconato geral da comunidade, a Igreja desenvolveu cedo, no curso do seu processo de institucionalização, também a compreensão de diaconia como ministério específico, ao lado de outros ministérios (Rm 12.7; 1Co 12.5). Neste contexto, o termo *diákonos* aparece como designação de determinado tipo de liderança comunitária (fp1.1; 1Tm 3.8,12) que se incumbe de coordenar o diaconato da comunidade cristã (Ef.4.12).¹²⁵

Gostaria ainda, de uma forma muito breve, deixar registrado que na concepção da Igreja Luterana, especificamente na IECLB, a existência da distinção entre ministério ordenado e o ministério leigo. Não queremos, porém, aprofundar o assunto na presente pesquisa, pois temos como objetivo resgatar a importância do termo ministério, do qual já falamos no primeiro capítulo. A partir disso, ressaltar a importância do ministério da visita em nossas comunidades enquanto ministério de toda a Igreja. Brakemeier salienta a existência do problema, quando o ministério não é assumido pelos seus membros:

O monopólio teológico do/a pastor/a tem inibido a vivência do sacerdote dos crentes. Estabeleceu-se quase que um 'dualismo' entre membro-pastor e o leigo, solapando a integração da comunidade e produzindo o deplorado autoritarismo pastoral. Esse monopólio tem favorecido, por sua vez, a transformação dos/as pastores/as em "executivos". A comunidade delega suas responsabilidades ao especialista, empregado para este fim e visto como funcionário religioso. A teologia passa a ser um privilégio pastoral que, de propósito ou não, deixa de ser 'socializado'. É evidente que isto redundará em gravíssimo enfraquecimento das dimensões missionária e diaconal da comunidade.¹²⁶

É muito urgente e necessário olhar para o ministério sob uma ótica de bem comum, serviço e amor ao próximo. O ministério da visita propõe uma perspectiva muito ampla, onde a comunidade cuida da comunidade, ou seja, onde os membros se conhecem, se visitam, se cuidam e se amam, pois:

[...] é na perspectiva da solidariedade com os mais fragilizados deste mundo que se desenvolve o próprio ministério terreno de Jesus. Autocompreendendo-se como quem veio não para ser servido, mas para servir (Mc 10.45; Lc 22.27), curou doentes (Mc 1.32-34); defendeu a dignidade da mulher (Jo 8.1-11 Mc 5.25-34) e das crianças (Mc 10.13-16), realizou comunhão de mesa com publicanos e pecadores (Mc 2.15-17), ensinou a partilha do pão (Mc 6.37; Lc 16.19-31); o socorro ao espoliado (Lc 10.25-37); etc.¹²⁷

¹²⁵ GAEDE NETO, 2008, p. 289.

¹²⁶ BRAKEMEIER, Gottfried. Teses referentes à compreensão de ministério na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB): avaliação e questões abertas. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v. 35, n. 2, p. 117-123, 2013. p. 120.

¹²⁷ GAEDE NETO, 2008, p. 289.

É nesta perspectiva que nos utilizamos duas vezes na pesquisa da afirmação de Lutero de que a comunidade e seus membros sejam a possibilidade onde Cristo se encarna para que cada um seja um *pequeno Cristo*. Para defender a dignidade das pessoas desfavorecidas, para ter comunhão, ensinar a partilha e socorrer quem anseia de cuidado é necessário conhecer. O conhecer, por sua vez, se dá a partir do encontro, do “ide”, de construir em conjunto, desta forma, é na visitação que deixamos as marcas pelas quais o próprio Cristo se dá a conhecer.

Para concluir, é importante ainda mencionarmos o porquê escolhemos o versículo de João 20.21 “Assim como o Pai me enviou, eu também os envio”. Primeiramente, são estas as palavras que nos deram a direção do terceiro capítulo. Lembremos que é a partir da morte e ressurreição de Cristo que nasce a igreja cristã. Será através do testemunho, da prática de comunhão e relação de amor que o testemunho de Cristo será vivenciado pelos seus discípulos e suas discípulas. Todavia a prática cristã nos leva para a reflexão em torno da reciprocidade bíblica, tema de princípio diaconal. O significado de reciprocidade, a partir do dicionário de língua brasileira é: “qualidade ou característica de recíproco; mutualidade, recíproca, reciprocização ou troca mútua de direitos e privilégios.”¹²⁸ Ou seja, reciprocidade diz respeito a relacionamentos mútuos e obrigações entre pessoas dentro de um grupo.

Nesta lógica, seguimos o pensamento anterior de que Deus nos envia, envia-nos para sermos seus representantes. Como representantes do seu amor, cabe aqui lembrar que a vida de uma pessoa cristã deverá ser baseada na reciprocidade bíblica, na qual toda pessoa que crê deverá expressar e manifestar a comunhão que existe entre elas em ações concretas:

O Novo Testamento está repleto de mandamentos recíprocos expressados tanto de forma direta como indireta. Tais mandamentos especificam como os crentes devem se relacionar uns com os outros, quais as coisas que eles devem fazer uns pelos e para os outros e quais coisas eles não devem fazer uns pelos e contra os outros.¹²⁹

Uma vida baseada na reciprocidade bíblica fará toda a diferença na vida cristã, no ministério, no serviço e amor ao próximo. Certamente cada pessoa que faz parte

¹²⁸ RECIPROCIDADE. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/reciprocidade/>. Acesso em: 14 jan. 2019.

¹²⁹ MEIMARIDIS, Alexandros. **O princípio bíblico da reciprocidade**. Disponível em: <http://ograndedialogo.blogspot.com/2012/03/o-principio-biblico-de-reciprocidade.html>. Acesso em 05 mar. 2019.

do seio da comunidade cristã terá a oportunidade de viver a partir do evangelho a totalidade da comunhão a partir da fé. Como exemplos temos vários textos bíblicos para fundamentar. A título de exemplo o evangelho de João 13.34-35 nos diz: “Novo mandamento que vos dou: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros.”¹³⁰ O texto muito conhecido do evangelho de João faz referência ao amor entre os irmãos e irmãs de fé e não somente, mas sim faz referência à ordem que Deus nos deu, de amar a todos e todas sem distinções.

Também o evangelista João nos diz que deverá sempre haver unidade entre pessoas de fé, entre irmãos e irmãs em Cristo Jesus.

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. (João 17.20-23).¹³¹

O ministério da visitação tem autoridade e fundamentação bíblica na reciprocidade. O evangelho de Mateus é claro e dá autoridade de um ministério efetivo neste mundo para toda pessoa que crê.

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. (Mateus 28.18-20)¹³²

A partir do evangelho, temos um mandato missionário, a comunidade de Jesus Cristo é convocada a partir do batismo e a prática da fé a expressão do Cristo vivo, não somente em palavras, mas também a partir da ação e do testemunho vivo. O ministério da visitação é uma das formas na qual a comunidade de fé pode transformar vidas a partir da descoberta de uma missão que vale a pena cumprir, pois ela poderá ser transformadora. O cumprimento da reciprocidade cristã diz respeito à totalidade da missão da igreja de Jesus Cristo, pois ela cria um modo de ser o amor

¹³⁰ BÍBLIA SAGRADA COM REFLEXÕES DE LUTERO. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. p. 996.

¹³¹ BÍBLIA SAGRADA COM REFLEXÕES DE LUTERO, 2015, p.1002.

¹³² BÍBLIA SAGRADA COM REFLEXÕES DE LUTERO, 2015, p. 906.

vivo e encarnado. Este amor recíproco, primariamente recebido de Cristo e agora vivido pela comunidade, habilita cada cristão e cristã a contribuir de uma maneira mais efetiva no ministério diaconal da igreja de Jesus Cristo.

5 CONCLUSÃO

Através desta monografia, pretendemos contribuir com a edificação de comunidade, tendo como ideal inicial ser um instrumento para as comunidades de fé que queiram tratar da importância da visitação comunitária. Nos últimos anos, atuando em um campo de atividade ministerial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, especificamente na Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Sertão Santana, percebemos que a temática visitação tem sido emergente e que o assunto aflora em inúmeros momentos, sendo que sua atenção é voltada para uma maneira coerente de ser igreja, sendo coerente com o Evangelho e com as necessidades das pessoas nas comunidades. Para tanto, foi necessário buscar recursos através da pesquisa e lançar o desafio de ser igreja a partir do ministério da visitação na Paróquia Evangélica de Confissão Luterana Sertão Santana, considerando que a comunidade é a prática do exercício que se abastece dela mesma, ou seja, a comunidade se nutre do que ela tem a oferecer, tendo como ponto de partida sempre o Evangelho.

O percurso geral da pesquisa foi se desenvolvendo na medida em que a pesquisa avançava, sendo este sempre dialogado e construído sob orientação, tendo como suporte o projeto inicial do mestrado profissional. Ocorreram algumas modificações no trabalho, com base nas aulas presenciais dos módulos do curso o trabalho final foi aprimorado. O primeiro capítulo tratou da importância do ministério da visitação. Constatou-se que a visitação é um dos eixos fundamentais da comunidade de fé, é a partir dela que a comunidade tem a oportunidade de se conhecer e viver a comunhão evangélica, do encontro e da partilha. O ministério da visitação é o serviço que a comunidade presta a partir de sua espiritualidade, entretanto, o ministério da visitação é confrontado com desafios que a contemporaneidade impõe.

O segundo capítulo tratou daquilo que estimula, pois, se de um lado existem desafios permanentes, por outro lado, existe o encorajamento. A reflexão que Leonardo Boff faz sobre o cuidado, foi fundamental para compreensão de que o cuidado se dá a partir da espiritualidade, o que pessoas cristãs chamam de fé. A fé desperta o cuidado, e o cuidado é o princípio das ações de Jesus Cristo. Se a teologia luterana afirma que a comunidade de fé é chamada a ser um pequeno Cristo ao próximo, entendemos que visitar e estar ao lado das pessoas que mais sofrem é uma

forma de cuidar. Este cuidado a partir da fé torna-se essencial, ou mais, ontológico, será parte da pessoa de fé em Cristo.

O terceiro capítulo tratou sobre a importância do ministério, pois cada pessoa batizada é receptora de dons, e estes devem estar a serviço da comunidade. Assumir o ministério da visitação é prestar serviço e estar encorajado a assumir a fé num movimento de prática e ações concretas no contexto em que se está inserido. É necessário entender que o ministério da visitação é o serviço que a comunidade presta e que não existe separação entre ministério e diaconia. O serviço que a comunidade deve prestar tem base bíblica na reciprocidade, ou seja, a ação do serviço é a ação da igreja de Cristo e este será sempre um modelo do amor vivo que se move e que transforma realidades. Assim, se torna conhecido a capacidade de resiliência a partir do cuidado e da fé. Poder ressignificar o sofrimento e entender-se fortalecido a partir do encontro e do cuidado é um dos resultados do ministério da visitação.

Por fim, cabe registrar que a pesquisa foi uma grande experiência acadêmica e profissional. O dia a dia de um campo de atividade ministerial traz consigo muitos desafios. Os desafios se dão em contextos urbanos e também em áreas rurais. O mais importante é reconhecer as dificuldades impostas pela sociedade moderna no cotidiano eclesial. Logo, os obstáculos podem nos levar ao cuidado com o próximo, pois o princípio da fé e do amor ao próximo leva o ser humano ao cuidado integral. Descobrir o quanto isso é mágico, faz a comunidade ser uma experiência de sentido, trazendo consigo o sentimento de pertença e transformação.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Almeida Ferreira ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

ADAM, Julio César. **Espiritualidade e Cuidado**. Tema da aula: Espiritualidade e cuidado: desenvolvimento da espiritualidade individual, familiar, comunitária, planetária; saúde integral, espiritualidade e gestão organizacional; espiritualidade e pensamento sistêmico; Buen Vivir; novo ethos civilizacional e sentido de vida. São Leopoldo, Faculdades EST, 2018. (Comunicação oral).

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. **A secularização do ocidente: o declínio e o reavivamento da religião na modernidade e seus reflexos no Brasil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

AVELLAR, Valter Luís de. Cibercultura e religiosidade: interfaces. *In*: SILVEIRA, Emerson José da; AVELLAR, Valter Luís de (Org.). **Espiritualidade e Sagrado no mundo cibernético**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BARBOSA, Aron Édson Nogueira. **Aspectos do neopentecostalismo na igreja mundial do poder de Deus**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciasociais/files/2010/11/ASPECTOS-DO-NEOPENTECOSTALISMO-NA-IGREJA-MUNDIAL-DO-PODER-DE-DEUS-Aron-%C3%89dson-Nogueira-Giffoni-Barbosa.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

BÍBLIA DE ESTUDOS DA REFORMA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BÍBLIA SAGRADA COM REFLEXÕES DE LUTERO. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

BOCK, Carlos Eduardo Müller. Visitação a pessoas afastadas. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva: Manual de educação a distância**. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O ministério na IECLB – Sua teologia e práxis**. *In*: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, MANSK, Erli (Org.). **Manual de ordenação e instalação**. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: IECLB, 2011. Disponível em:

http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/o-ministerio-na-ieclb-sua-teologia-e-praxis. Acesso em 17 de janeiro de 2019.

BRAKEMEIER, Gottfried. Teses referentes à compreensão de ministério na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB): avaliação e questões abertas. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v. 35, n. 2, p. 117-123, 2013.

BRANDT, Hermann. **Espiritualidade**: Motivações e critérios. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1978.

BUSS, Paulo Wille (Org.). **Lutero e comunicação**: O uso da mídia na proclamação do evangelho. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2015.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **Batismo, eucaristia, ministério**: convergência da fé. 3. ed. Brasília: Conic; Rio de Janeiro: Koinonia, São Paulo: ASTE, 2002.

DANIÉLOU, Jèan. **Haverá religião amanhã?** São Paulo: Paulinas, 1971.

DEGE, Carlos Romeu. **Na proposta de Jesus não há diferença entre clero e leigos/as**: análise histórica e eclesiológica na argumentação para a instalação de equipes de liturgia. 2005.. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

DROOGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 111-128, 1983.

ERDMAN, Charles. **Comentário à epístola de São Paulo aos Gálatas**. Tradução de Jorge Cesar Mota. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1930.

GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. *In*: KILPP, Nelson; FILHO, Fernando Bortolletto; SOUZA, José Carlos (Orgs.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

GRÜN, Anselm; MEINRAD, Dufner. **A saúde como tarefa espiritual**. Tradução de Gabriela Freudenreich. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GUTHRIE, Donald. **A epístola aos Gálatas**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1984.

HAACKE, Beatriz Regina. **Edificação de comunidade a partir da visitação**: A visitação como expressão de cuidado e fortalecimento do Corpo de Cristo. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.

HAACKE, Maurício. Visitação à pessoa doente e Hospitalizada. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva: Manual de educação a distância**. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003.

HEIDEMANN, Enos; HERTEL, Hildegart. **Vivemos envelhecendo, envelhecendo vivemos**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

HEIMANN, Thomas. Face a face com Deus: A espiritualidade diante da morte e do morrer. *In*: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. **Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2008.

HEIMANN, Thomas. Visitação à pessoas enlutadas. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva: Manual de educação a distância**. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003.

HERBES, Nilton Eliseu; RODRIGUES, Rafael Souza. Perdão no horizonte da vida: acompanhamento espiritual hospitalar a pacientes diante da morte. *In*: WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler, *et. al.* (Orgs.). **Perdão: onde saúde e espiritualidade se encontram**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2016.

HOCH, Lothar Carlos. **Comunidade Solidária**, ICTE – Série visitação, n. 4, ano 1991.

HOCH, Lothar. Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados. *In*: MOLZ, Cláudio; WEHRMANN, Guenter F. K. (Coord.). **Proclamar Libertação: Ofícios – Suplemento 2**. São Leopoldo: Sinodal 1988.

IBGE. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao&view=noticia>. Acesso em: 08 jan. 2019.

IBGE. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 02 jan. 2019.

IBGE. **Principais resultados - Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 19 jan. 2018.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Nossa fé, nossa vida: guia da vida comunitária na IECLB**. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

INCONSTÂNCIA. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inconstancia/>. Acesso em: 19 jan. 2018.

LICHTENFELS, Henriete. Visitação à pessoas enlutadas. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva**: Manual de educação a distância. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003.

LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.

LIZ, João Pedro. **Ministério da Visitação**: Elementos para uma prática de aconselhamento pastoral. 2002. Especialização em aconselhamento e psicologia pastoral. – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002.

LUTERO, Martim. Visitação - Introdução ao assunto. *In*: LUTERO, Martinho. **Martinho Lutero**: obras selecionadas. v. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martinho. Catecismo Menor. *In*: LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.

LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. *In*: LUTERO, Martinho. **Martinho Lutero**: obras selecionadas. v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTO. *In*: FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latino-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

MALSCHITZKY, Harald. **Dietrich Bonhoeffer**: discípulo, testemunha, mártir - Meditações. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MARIA, Rubem Ferreira. **Evangelização ou mercantilização da fé?** Cotejamentos entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia. Rio de Janeiro: Editora AMCGuedes, 2014.

MEIMARIDIS, Alexandros. **O princípio bíblico da reciprocidade**. Disponível em: <http://ograndedialogo.blogspot.com/2012/03/o-principio-biblico-de-reciprocidade.html>. Acesso em 05 mar. 2019.

MERCANTILIZAR. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mercantilizar/>. Acesso em: 24 jan. 2018.

MULLER, Enio Ronald. Fundamentos da ética em Lutero. *In*: WACHHOLZ, Wilhelm; *et. al.* (Org.). **Identidade evangélico-luterana e ética**: Anais do III Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

NGIEN, Dennis. **Lutero como conselheiro espiritual**: a interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero. São Paulo: Vida Nova, 2017.

NOÉ, Sidnei Vilmar. Deus visita seu povo. *In*: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva**: Manual de educação a distância. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira idade**: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo: Paulinas, 1999.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós**: luto, aconselhamento pastoral e esperança. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011.

PEREIRA, José Carlos. **Pastoral da visitação**: Paróquia em estado permanente de missão. São Paulo: Paulus, 2012.

RECIPROCIDADE. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/reciprocidade/>. Acesso em: 14 jan. 2019.

ROCCA LARROSA, Susana Maria. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. *In*: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana Maria; *et. al.* (Orgs.). **Sufrimento, resiliência e fé**: implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2007.

ROMEL, Rudi. **A concepção luterana do ministério eclesiástico e do sacerdócio geral analisada a partir dos escritos à Nobreza Alemã acerca do melhoramento da Igreja e do Cativoiro Babilônico da Igreja**. 1983. Curso de aprofundamento teológico. – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1983.

SANTOS, José Carlos Valentin dos. **A espiritualidade resiliente**: um caminho a ser percorrido pelos membros da Igreja Presbiteriana do Brasil. 2012. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2012.

SECULARIZAÇÃO. *In*: CORTÉS, Javier Martínéz. **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Editora Paulus, 1999.

SEMINÁRIO BILATERAL MISTO CATÓLICO ROMANO-EVANGÉLICO LUTERANO. **Os Ministérios**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SILVA, Patrícia. **Ministério da visitação**. São Paulo: Paulinas, 2014.

VILLALOBOS, Luis Cruz. Resiliência: uma novidade antiga. *In*: SANTOS, Hugo N. (Ed.). **Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral**: Contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

VISITAR. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/visitar/>. Acesso em: 10 jan. 2018.

VISITARE, VISI. *In*: FERREIRA, António G. **Dicionário de latim/português**. Porto: Porto Editora, 1988.

VOLKMANN, Martin. Ministérios. *In*: KILPP, Nelson; FILHO, Fernando Bortolletto; SOUZA, José Carlos (Orgs.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

ZILLES, Urbano. Espiritualidade cristã. *In*: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MUELLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da (Orgs.). **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.